

Ciências Humanas

FILOSOFIA

Módulo 1

Unidades 1 e 2

2

Unidade 1

<pág. 5>

Introdução

à Filosofia

Para início de conversa...

**Sejam bem-vindos à
Unidade I do Curso de
Filosofia.**

**Pretendemos, neste
primeiro momento, fazer
com que você se familiarize
com a Filosofia, conhecendo
sua origem, seu sentido,
suas questões. Você
conhecerá alguns filósofos e
entrará em contato com
seus pensamentos, visões
de mundo e dilemas.**

Você compreenderá que existem diferentes formas de conhecimento e que a Filosofia é uma delas, sendo caracterizada, principalmente, pela sua criticidade.

Verbetes

Criticidade

Qualidade do que é crítico.

Além disso, vamos tentar desfazer aquela visão preconceituosa que algumas pessoas ainda têm sobre a Filosofia ser uma “viagem”, coisa de quem não tem o que fazer e que fica apenas

4

divagando sobre questões inúteis ou impossíveis de serem respondidas.

Veremos que, ao contrário, a Filosofia constitui um saber muito importante que nos ensina a questionar essa realidade que parece ser um dado objetivo. Considerá-la assim, objetiva, pode fazer com que a aceitemos de modo passivo. Mas se nos tornarmos capazes de refletir e questionar, poderemos nos tornar verdadeiramente cidadãos e, desse modo, intervir e lutar por um mundo melhor.

<pág. 6>

Objetivos de aprendizagem

- . Contextualizar historicamente o surgimento da Filosofia na Grécia;**
- . Situar a Filosofia como uma das dimensões para compreender e transformar o homem e o mundo;**
- . Distinguir o pensamento mítico do filosófico, identificando elementos que indicam a ruptura e a continuidade entre mito e filosofia.**

6

<pág. 7>

Seção 1

Apenas (mais) uma forma de introdução à Filosofia

**Já dizia Wittgenstein que:
"a Filosofia não é uma
doutrina, mas uma
atividade". E ele estava
certo. Diferente das outras
disciplinas, a Filosofia não
se encontra limitada por seu
objeto de estudo, mas
revela-se como uma forma
especial de pensamento que
apesar de, em si mesma,
não possuir um conteúdo
(pré)determinado pode pôr-
se a refletir e a questionar**

todos os segmentos da atividade humana.

O termo grego Filosofia (*philosophia*) é a expressão do amor ao conhecimento e da busca incansável do homem pelo sentido e fundamento de todas as coisas.

Por um lado, distingue-se da religião uma vez que não assenta suas bases na fé ou na crença, mas na razão. Por outro, não deve ser confundida com a opinião, pois prima pelo rigor e profundidade em suas argumentações.

Mas essa atividade da razão humana não existiu

8

desde sempre, a Filosofia é um produto da genialidade grega.

E no princípio, o mito

Ninguém precisa ser filósofo para fazer perguntas, concorda? Faz parte de nossa própria natureza essa necessidade de se obter respostas e, se possível, certezas a respeito das coisas e de nós mesmos. Dessa forma, basta pesquisarmos um pouco para encontrarmos uma série de perguntas fundamentais que acompanham os seres humanos desde sempre.

De onde viemos? Como surgiram todas as coisas? Por que e como acontecem os fenômenos naturais? Qual o sentido de nossa existência?

Nesta seção, iremos acompanhar a passagem do modelo de explicação que chamamos *mítico* ao modelo *racional* proposto pelos primeiros filósofos. Mas você sabe o que é um mito?

O mito, assim como a Filosofia e a Ciência, constitui uma tentativa de se responder àquelas perguntas sobre as quais falamos anteriormente a partir da ação de agentes

10

sobrenaturais. Assim, uma catástrofe causada por uma tempestade em um vilarejo poderia ser entendida como uma forma de punição em razão de uma desavença entre alguma divindade e seus habitantes. Do mesmo modo que um ato heróico em uma guerra seria o indício de uma certa ascendência divina. Em outras palavras, aos olhos do mito, toda a realidade existente remete, necessariamente, a uma força, a um deus ou a uma criatura com habilidades sobre-humanas.

<pág. 8>

Pois bem, antes do nascimento da Filosofia, a concepção de mundo dos gregos era totalmente ligada ao mito.

Certamente, você já deve ter ouvido falar na mitologia grega, não é mesmo? Vamos conhecer um pouco sobre ela?

Dessa forma, você perceberá que conhecer o modo peculiar dos gregos de entender a si e ao mundo será de grande ajuda em nossa aula sobre Filosofia.

12

Muitas Grécias, vários deuses

É importante que desfaçamos, antes de mais nada, a ideia comumente passada de que existia uma única Grécia na Antiguidade. Na verdade, existiam muitas Grécias. Divididos em um grande número de *pólis* (ou cidades-Estado), os seus habitantes compartilhavam poucas coisas além de uma língua em comum.

Dependendo da cidade, a mulher era vista como igual ou inferior ao homem. A educação era voltada para a prática política ou militar e o contato com o estrangeiro poderia ser estimulado ou

evitado. Cada cidade possuía o seu deus protetor e, ao seu lado, um mito rememorado pelos seus habitantes que marcava a sua superioridade sobre os demais. Não havia igualmente uma capital, apesar da superioridade evidente das duas *pólis* mais famosas do mundo antigo: Atenas e Esparta.

Saiba Mais

Atenas e Esparta foram as principais cidades-estado gregas e servem como exemplo para nos mostrar que cada *pólis* possuía costumes e visões de mundo

14

bastante diversos. Os espartanos, de tradição militarista, ficaram conhecidos pela valorização da figura do Guerreiro, enquanto os atenienses por priorizar a educação de seu povo, tendo transformado Atenas num grande centro intelectual e no berço da democracia. Vamos conhecer um pouco mais sobre a vida nas duas cidades? Acesse os links a seguir:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Atenas

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Esparta>

Mas, então, frente a tantas diferenças, o que une os gregos? Em primeiro lugar, como já dissemos, a existência de uma única língua capaz de produzir um sentimento de pertença e, ao mesmo tempo, que seja flexível o suficiente para dar conta dessa multiplicidade de vozes.

A língua - não só a grega, lógico - é um importante elemento de coesão cultural. E, no caso grego, nutriu-se das histórias míticas contadas inicialmente pelos poetas e, mais tarde, pelos filósofos.

16

Imagine aprender a ler a partir das histórias contadas por Homero, o grande poeta grego do século VIII a. C.? Devia ser incrível, não concorda? Mas, é importante ressaltar que não se tratavam de textos ao estilo das nossas conhecidas cartilhas, mas livros como a *Iliada* e a *Odisseia* que retratam, em detalhes, acontecimentos históricos, permeados de seres divinos e lições de moral.

<pág. 9>

**O que isso significa?
Simples: o grego, desde
pequeno, pensava, sentia e
vivia num mundo rodeado
de forças sobrenaturais.
Dedicava sua vida, a de sua
família e cidade aos seus
deuses e deusas. Vivia e
morria a partir de uma
perspectiva mágico-
religiosa. O que chamamos
de mito, nos nossos dias,
era, para os gregos antigos,
sua religião.**

18

Verbetes

Ilíada - poema épico de 15.693 versos, escrito por Homero, que narra a história da Guerra de Troia (Ílion, em grego).

Odisseia - poema épico de 12.110 versos, atribuído Homero, que conta as aventuras do herói grego Odisseu (ou Ulisses) em seu retorno à Ilha de Ítaca, logo após o desfecho da Guerra de Troia.

Apesar de não haver uma unidade nas histórias e da própria caracterização de suas divindades, a mitologia grega assenta as suas bases

em fontes como as obras dos poetas Homero e Hesíodo e do filósofo Platão. Era baseada na crença de um panteão de divindades, chamadas olímpianas, governadas por Zeus. De modo geral, cada deus representava um aspecto da realidade. Havia, assim, um deus da guerra (Ares), um dos mares (Poseidão), uma deusa do amor (Afrodite), uma outra protetora dos casamentos(Hera) ou mesmo da sabedoria (Atená).

Além dessa elite principal, mais uma infinidade de seres, forças

20

divinas e monstruosas povoavam o imaginário do povo grego. Eram serpentes gigantes, gigantes de um olho só e criaturas capazes de transformar os pobres mortais em animais ou estátuas de pedra lado a lado com espíritos protetores das colheitas e cerimônias religiosas. A própria Terra, o Céu e os Mares eram vistos como entidades dotadas de vontade...

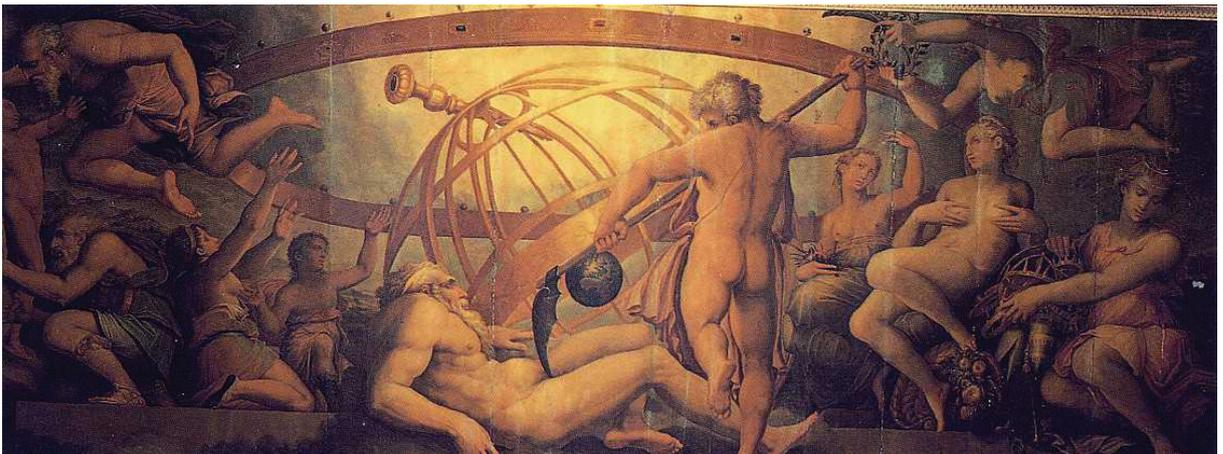


FIGURA 1: A pintura de Giorgio Vasari and Gherardi Christofano (séc. XVI) retrata a mutilação de Urano (O Céu) por seu filho Cronos (O Tempo). Assim, a partir do estratagema de Gaia (Terra), os Titãs assumem o poder.

E, dessa forma, a religiosidade grega fazia-se sentir em toda a parte como por exemplo, nos jogos olímpicos. Você sabia que, na época dos jogos, ficava proibida qualquer hostilidade entre as cidades gregas? Declarar guerra com outra *pólis* ou mesmo assaltar um atleta a

22

caminho dos jogos seria visto como crime contra os deuses. No mínimo, fascinante!

<pág. 10>

Por esse motivo, durante muitos anos, os historiadores foram unânimes em apontar o surgimento da Filosofia como produto do que chamaram de o "milagre grego". Não conseguiram entender como, de uma hora, para outra, os filósofos romperam radicalmente com as explicações míticas com as quais o povo das diferentes

idades-estado da Grécia estava acostumado.

Nem tanto um milagre

Segundo os historiadores, a Filosofia teria surgido pela primeira vez na Grécia, por volta do século VI a. C., na antiga cidade da Ásia Menor chamada Mileto, tendo como protótipo o pensamento de Tales (c. 624/5 a. C.- 556/8 a. C).

Inventor, astrônomo e matemático – você deve lembrar do seu famoso teorema -, Tales é o resultado de toda uma série de fatores que lhe

24

permitiram registrar seu nome na história como sendo o primeiro filósofo.

Mileto era uma cidade que mantinha vínculos comerciais bem estreitos com o Oriente, Egito e outras cidades do sul da atual Itália. A sua localização geográfica privilegiada permitiu contato com essas culturas e assim o fortalecimento da economia milésia através do comércio, ocorreu juntamente com a troca de conhecimentos e a inevitável relativização de valores.



FIGURA 2: O Mundo Grego na Antiguidade. A Filosofia surge na periferia. Repare no mapa a localização da cidade de Mileto, antiga colônia da Jônia e as futuras potências mundiais Atenas e Esparta.

A própria religião grega, politeísta e antropomórfica, revelava-se mais aberta a novas leituras e manifestações que as posteriores crenças em uma única divindade.

Verbetes

Politeísta (do grego, poli = muitos e teos = deus).

Crença em várias divindades.

Antropomórfica (do grego anthropos = homem e morphé = forma). O que

**tem a forma, as
características do homem.**

**Aliado a esses fatores,
temos aquele que é
apontado como o de maior
relevância em fazer da
Grécia o berço da Filosofia:
a invenção da política.**

**A própria *pólis* teria
surgido, dois séculos antes
de Tales nascer, nas
comunidades da Ásia Menor.
A maioria delas não era
verdadeiramente
“democrática” como alguns
gostam de afirmar, mas a
vida em seu interior girava
em torno das decisões de
instituições que**

28

funcionavam como espécies de conselhos e assembleias, ora do povo, ora aristocratas ou dos magistrados. E em que isso ajudaria a Filosofia?

Simple: a prática do diálogo, o estímulo ao exercício da discussão inerentes ao debate político criaram as condições ideais para essa nova forma de pensar a realidade que toma como princípio não mais a fé nos deuses, mas a razão humana. Por isso, frequentemente, ouvimos que a "Filosofia é filha da *pólis*".

Mas seria um equívoco pensarmos que bastou a

Filosofia surgiu no século VI a. C. para que os gregos abandonassem as suas crenças. Obviamente, o processo de dessacralização do saber não ocorreu de uma hora para outra, mas foi resultado de um longo processo histórico no qual, aos poucos, foi-se percebendo que as histórias contadas pelos antigos poetas não mais eram suficientes para dar conta do real. Ainda assim, por muito tempo, o mito coexistiu com pensamento filosófico, mantendo-se presente até mesmo nos escritos de filósofos de

30

renome como Platão (c. 428/7 a.C. - 348/7 a. C.).

A predominância da razão (chamada de *logos* pelos gregos) na explicação da realidade que percebemos nos dias de hoje tem sua origem na Filosofia, quando, pela primeira vez, ocorre um distanciamento da concepção mítica da realidade em direção a uma explicação que parte da observação e do raciocínio.

Em busca de uma definição de Filosofia

Dissemos anteriormente que a tradição conferiu a Tales de Mileto o título de primeiro filósofo da história. No entanto, muito pouco

restou de suas ideias. Sabe-se que foi o responsável por inaugurar uma nova forma de pensar, caracterizada pela recusa dos modelos mágico-religiosos tradicionais e pela exaltação da razão como a principal forma de compreensão da realidade.

<pág. 12>

A máxima mais famosa deixada por Tales é de que "*Tudo é água*" - o que não parece ser grande coisa, não é mesmo?

Entretanto, mais importante que o conteúdo dessa sentença é, sem dúvida, a postura eminentemente crítica de seu enunciador. A conclusão a que chegou sobre o princípio úmido ser a origem de todas as coisas é confirmada pela maioria das ciências modernas (basta lembrar que os primeiros seres vivos vieram dos mares, assim como o nosso corpo é composto por cerca de 70% de água). Mas foi, sobretudo, a coragem e o espírito observador de Tales que deu espaço ao nascimento da Filosofia, mesmo que ainda, em seu

início, muito próxima do mito e das demais ciências.

A palavra Filosofia (*philosophia*, em grego) só apareceu tardiamente com Heráclito de Éfeso (c. 535 a.C. - 475 a.C.) ou Pitágoras de Samos (c. 570/1/0 a.C. - 497/6 a.C.) como forma de saber humano caracterizado pela busca incessante de respostas.

Etimologicamente, a palavra Filosofia significa amor ou amizade (*philia*, em grego) à sabedoria. O filósofo, portanto, seria o *amante do saber*, um protótipo de sábio, sempre disposto a apontar

34

problemas e propor soluções às diferentes questões da vida e do mundo.

Mais tarde, a Filosofia viria a se apresentar como uma espécie de saber discursivo, essencialmente teórico, sobre problemas de natureza metafísica, afastando-se, pouco a pouco, da visão – defendida por algumas escolas – de um conjunto de princípios voltados para a conquista da vida feliz.

Verbetes

Metafísica (do grego, metá = além de e physis =

natureza)-Talvez a área mais importante da Filosofia e, por vezes, tomada como seu único objetivo. Consiste no estudo do Ser, do ente, da alma e de toda a ordem de conceitos abstratos e transcendententes, considerados como princípios primeiros. O termo "metafísica" foi utilizado pela primeira vez por Andrônico de Rodes (séc. I a.C.) a fim de classificar as obras do filósofo Aristóteles que tratavam de temas que escapavam dos limites da Física. A metafísica tem

36

**como ramo principal a
ontologia.**

A despeito das inúmeras definições e matizes que a Filosofia possa ter, parece ser um consenso entre os profissionais que dela se ocupam dizer, à exemplo de Wittgenstein, que:

“A filosofia não é uma doutrina, mas uma atividade”. Atividade esta, de origem grega e de natureza racional, expressa por meio de um posicionamento crítico frente à realidade.”

<pág. 13>

Atividade 1

Leia atentamente o texto abaixo, de modo a desenvolver um pequeno texto sobre a importância da Filosofia nos dias atuais.

O valor da Filosofia

O valor da Filosofia, na realidade, deve ser buscado, em grande medida, na sua própria incerteza. O homem que não tem umas tintas de filosofia caminha pela vida afora preso a preconceitos

38

derivados do senso comum, das crenças habituais de sua época e do seus país, e das convicções que cresceram no seu espírito sem a cooperação ou o consentimento de uma razão deliberada. Para tal homem, o mundo tende a tornar-se finito, definido, óbvio; para ele, os objetos habituais não levantam problemas e as possibilidades infamiliares são desdenhosamente rejeitadas. Quando começamos a filosofar, pelo contrário, imediatamente nos damos conta (...)

de que até as coisas mais ordinárias conduzem a problemas para os quais somente respostas muito incompletas podem ser dadas. A Filosofia, apesar de incapaz de nos dizer com certeza qual é a verdadeira resposta para as dúvidas que ela própria levanta, é capaz de sugerir numerosas possibilidades que ampliam nossos pensamentos, livrando-os da tirania do hábito. Desta maneira, embora diminua nosso sentimento de certeza com relação ao que as coisas são, aumenta em muito nosso conhecimento a

40

respeito do que as coisas podem ser; ela remove o dogmatismo um tanto arrogante daqueles que nunca chegaram a empreender viagens nas regiões da dúvida libertadora; e vivifica nosso sentimento de admiração, ao mostrar as coisas familiares num determinado aspecto não familiar.

(RUSSELL, B. *Os Problemas da Filosofia*, Capítulo XV.)

Os problemas da Filosofia

Como vimos anteriormente, a Filosofia constitui, ao mesmo tempo, uma atividade e uma atitude

racional de busca do conhecimento verdadeiro. Nesse sentido, qualquer tema, a princípio, pode ser objeto da reflexão de um filósofo, não é mesmo?

<pág. 14>

De qualquer forma, basta um estudo mais atento da própria história da Filosofia para percebermos que alguns desses problemas mostram-se recorrentes e, apesar de distintos, permite-nos extrair características em comum.

42

Em outras palavras, os filósofos, de modo geral:

- . preocupam-se com a questão da fundamentação das ideias e práticas (as chamadas “condições de possibilidade”);**

- . acabam por desenvolver um sistema conceitual, a partir do qual pretendem explicar determinados fenômenos ou atividades;**

- . partem de observações críticas sobre os demais pensadores, a fim de justificar a sua “solução” aos problemas encontrados.**

Foi um velho filósofo alemão, chamado Immanuel Kant (1724-1804), que

disse, pela primeira vez, que a Filosofia deveria se ocupar de três perguntas fundamentais, a saber:

***f.* O que podemos conhecer?**

***f.* O que devemos fazer?**

***f.* O que nos é permitido esperar?**

No entanto, segundo Kant, essas três questões podem – e devem – ser reduzidas a uma outra que questiona sobre *o que é o homem?*

De certa forma, essa é uma maneira bem interessante encontrada pelo filósofo de abordar os

campos de investigação filosófica, uma vez que, cada uma dessas perguntas, representaria uma área específica da própria Filosofia.

Tomando como base esse raciocínio, teríamos, atualmente, uma divisão bem mais complexa que a proposta por Kant:

f. Metafísica e Ontologia
– estudo das questões sobre o Ser, o Ente e demais conceitos que se encontram além do campo de estudo das ciências.

f. Epistemologia ou teoria do Conhecimento– estudo das condições de

possibilidade do conhecimento, da verdade.

f. Ética ou Filosofia Moral
– reflexão sobre o agir humano em sua dimensão dos valores.

f. Filosofia Social ou Política
– reflexão sobre o agir humano no interior de uma sociedade.

f. Antropologia Filosófica
– questionamento sobre a natureza humana, a questão da liberdade e temas correlatos.

Além desses grandes grupos, podemos adicionar um grande número de subáreas - denominadas por alguns de metafilosofias - por se constituírem enquanto estudo direto dos fundamentos de algum tema ou problema. São elas: a filosofia da religião, da ciência, da linguagem, da arte, da linguagem, da mente, da história etc.

Os períodos da Filosofia

A divisão em períodos históricos, como tudo o mais no campo da Filosofia, é

palco de grandes polêmicas. No entanto, a fim de deixarmos de lado – pelo menos provisoriamente – esse complicado debate, optamos por apresentar uma versão bastante simplificada a partir da linha do tempo abaixo:

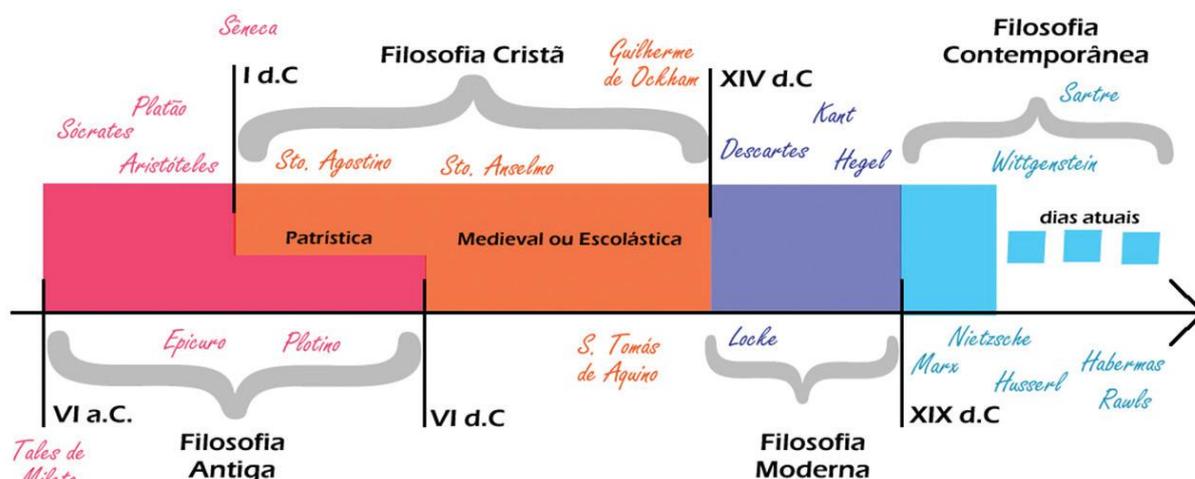


FIGURA 3: Linha do Tempo - Periodização da história da Filosofia que começa com o pré-socrático Tales, passando por séculos de

48

influência cristã e chegando até os nossos dias com as inúmeras escolas e pensadores contemporâneos.

Assim, para fins didáticos, dividimos a História da Filosofia em:

1. Filosofia Antiga (VI a.C – VI d. C): Composta pela escola pré-socrática (de Tales a Empédocles), pelos filósofos chamados “clássicos” (Sócrates, Platão e os Sofistas), pelo período sistemático representado por Aristóteles e, finalmente, pelo período helênico das escolas epicuristas, estoicas, céticas

e cínicas tanto gregas quanto romanas.

2. Filosofia Cristã (I d.C. – XIV d. C.): Composta pela Patrística (que abrange desde os primeiros escritos cristãos até a filosofia de Sto. Agostinho de Hipona) e todo o período medieval ou escolástico, cujo principal representante foi S. Tomás de Aquino.

3. Filosofia Moderna (XIV d. C. – XIX d. C): Iniciada pelos filósofos renascentistas como René Descartes, seguidos pelos iluministas, como Immanuel Kant.

<pág. 16>

4. Filosofia

Contemporânea (a partir do final do séc. XIX d.C):

Marcada pela reflexão dos filósofos como Karl Marx e Friedrich Nietzsche até os dias de hoje.

A Filosofia tem, portanto, quase 27 séculos de história. Uma história fascinante, cheia de discussões acaloradas e teorias que pretendem dar conta, senão da totalidade, da maior parte das questões que assolam o espírito humano.

Que tal conhecermos um pouco mais sobre o que pensaram alguns dos personagens responsáveis por tudo isso?

Seção 2

Os primeiros filósofos

A tradição costuma atribuir a expressão “*pré-socráticos*” a todos os pensadores que antecederam o grande filósofo da cidade de Atenas, chamado Sócrates (c. 470/69 - 399 a. C). Essa anterioridade, em sua grande maioria, é histórica.

No entanto, alguns pré-socráticos - como Demócrito de Abdera (c. 460 a. C. - 370 a. C.) - parecem ter vivido na mesma época que o filósofo ateniense. De qualquer forma, pode-se afirmar com uma certa convicção que nenhum deles conseguiu alcançar a profundidade e, muito menos, o grau de abstração típico do pensamento socrático.

Nesse sentido, a anterioridade é, sobretudo, filosófica. A maioria desses pensadores fez da questão da origem (*archê*) e da natureza (*physis*) o seu objeto de reflexão, mas, por

outro lado, também foram incapazes de romper definitivamente com a estrutura típica do discurso mítico. Veja o exemplo de Parmênides de Eleia. Considerado o “pai” da lógica pela descoberta dos princípios de identidade e da não contradição, escreveu todo o seu discurso sob a forma de poemas e dedicou os 32 versos de seu proêmio a uma espécie de hino de exaltação à deusa da justiça e da verdade, *Diké*:

“E a deusa, com boa vontade, acolheu-me, e em sua mão minha mão direita

54

**tomou, desta maneira
proferiu a palavra e me
saudou:**

**Ó jovem acompanhado
por aurigas imortais,
que, com cavalos, te
levam ao alcance de nossa
morada,**

**Salve! Porque nenhuma
Partida ruim te enviou a
trilhar este**

**caminho, à medida que é
um caminho apartado dos
homens,**

**mas sim Norma e Justiça.
Mas é preciso que de tudo te
instruas: tanto do
intrépido coração da
Verdade persuasiva**

quanto das opiniões de mortais em que não há fé verdadeira.”

<pág. 17>

Saiba Mais

Princípio de identidade e princípio da não contradição
Mesmo hoje em dia, a lógica sustenta-se a partir de dois grandes princípios ou leis gerais, que têm nos escritos de Parmênides a sua formulação básica. A máxima “o Ser é e o Não Ser não é” afirma a *identidade* de toda coisa consigo mesma. Por outro lado, o

56

princípio da não contradição já se fazia presente na proposição “*ou uma (coisa) é ou não é*”. Mais tarde, com Aristóteles e os medievais, acrescentou-se um terceiro princípio chamado do *terço excluso*, que nada mais é do que uma consequência óbvia do segundo, uma vez que nega a existência de um terceiro elemento além da afirmação e da negação.

Apesar de toda a série de dificuldades em se estudar o pensamento pré-socrático – sobre o qual só restaram fragmentos - não podemos

descartar a sua importância no desenvolvimento dessa atividade tão complexa que é o filosofar.

A fim de facilitar o primeiro contato com esses filósofos, optamos por dividi-los em três grandes grupos ou escolas, sabendo, por outro lado, que longe de ser perfeita, essa divisão deixa de lado pontos divergentes de suas teorias a favor de uma pretensa unidade. De qualquer forma, só iremos conhecer aqui, com mais propriedade, as filosofias dos mais proeminentes desse período, a saber: Heráclito

58

de Éfeso (c.535 a. C - 475 a. C.) e Parmênides de Eleia (c. 530 a. C.- 460 a. C.).

Na *escola jônica* agrupamos os pensadores que elegeram um único elemento como princípio fundante do real.

São eles: Tales (A água), Anaximandro (O ilimitado), Anaxímenes (O ar), Heráclito (O fogo), Xenófanes (A terra).

Aqueles pertencentes à *escola italiana* de Pitágoras (O Número), Parmênides e seus discípulos Zenão e Melisso (O Ser) desenvolvem teorias bem complexas tomando como base princípios abstratos e

que virão, mais a frente, influenciar o pensamento de grandes nomes como Sócrates e Platão.

Por fim, os filósofos *pluralistas* (ou de 2ª fase) que defenderam que a realidade é o resultado de dois ou mais elementos. São eles: Anaxágoras (A multiplicidade e o Espírito), Empédocles (Os quatro elementos) e os atomistas Leucipo e Demócrito.

O mobilismo de Heráclito

Assim como a maioria dos pré-socráticos, pouco se sabe da vida de Heráclito de

60

Éfeso. Acredita-se, no entanto, que tenha pertencido à aristocracia de sua cidade natal, mas que tenha, igualmente, recusado-se a participar do governo da mesma.

Segundo o historiador Diógenes Laércio, possuía um gênio difícil e era conhecido pelo seu orgulho, bem como pelo seu desprezo pela plebe. Filho de Blóson, ficou conhecido como o "Obscuro" (*skoteinós*), em grande parte pela dificuldade de interpretar-se os seus escritos.

<pág. 18>

A despeito da opinião de seus adversários, foi um dos primeiros filósofos a formular um pensamento consistente sobre a natureza dinâmica da realidade, marcada, sobretudo, pelo conflito (*pólemos*) entre elementos divergentes.

Entendia, em contrapartida, o *logos* (*literalmente razão, discurso*) como o princípio unificador capaz de demonstrar a existência da unidade detrás da realidade em constante fluxo, e o fogo

(*pyr*) como o elemento primordial. E, em alguns de seus fragmentos, expressou uma clara preferência pelo conhecimento originário dos sentidos.

Famoso pela sua metáfora onde afirma que: "*nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos*" (frag. n^o. 49a.), Heráclito é visto por muitos como o principal representante do mobilismo grego. Todas as coisas encontram-se em movimento – defendem os mobilistas. Segundo eles, tudo flui e, portanto, coisa alguma permanece igual a si o tempo todo.

O pensamento heraclítico, apesar de bastante intuitivo – pois percebemos facilmente o aspecto mutante da realidade em nós mesmos e nas coisas a nossa volta – foi vítima de enorme preconceito ao longo da história da Filosofia, vindo a ser resgatado séculos depois pelo filósofo alemão Hegel (1770-1831). Em contrapartida, encontramos um número expressivo de músicas inspiradas nas máximas de Heráclito. Um bom exemplo é, sem dúvida, a música de autoria de Lulu

64

**Santos e Nelson Motta,
"Como uma onda":**

**"Nada do que foi será
De novo do jeito que já
foi um dia**

**Tudo passa, tudo sempre
passará**

**A vida vem em ondas
como o mar**

**Num indo e vindo
infinito"**

Multimídia

**A música "Como uma onda
(Zen Surfismo)" foi gravada
por Lulu Santos em parceria
com o jornalista Nelson
Motta, em 1983, e desde
então tem se mantido como
um dos maiores sucessos da**

carreira do cantor. Por isso, vale a pena conferir o vídeo :<http://www.youtube.com/watch?v=OfMDX8zHI7c>

<pág. 19>

O monismo de Parmênides

Parmênides de Eleia é o autor do texto mais extenso dentre todos os pré-socráticos dos quais temos conhecimento.

A profundidade de suas teses, juntamente com o seu incrível grau de abstração, foram responsáveis por conceder-lhe o título de um dos mais influentes filósofos

66

da Grécia antiga. Segundo Platão, o próprio Sócrates teria aprendido muito em seu encontro com Parmênides.

É o principal representante do *monismo* uma vez que em, seu poema (intitulado “Da Natureza”), defendeu a existência de uma única realidade esférica, imutável, contínua, eterna e indivisível que, para alguns autores, seria a sua resposta às teses defendidas por Heráclito. De certo modo, ao optar uma realidade estática, onde a mudança e o movimento são vistos como ilusões dos sentidos e da opinião

humana, Parmênides torna-se responsável por inaugurar uma importante vertente da filosofia que tem como ponto central a distinção entre realidade e aparência.

Por fim, para Parmênides: “*pensamento e ser coincidem*”. Isto quer dizer que só podemos pensar por meio de juízos afirmativos ou, em outras palavras, que o pensamento a partir *daquilo-que-não-é (Nada)* revela-se impossível.

Por essa razão, foi considerado o fundador dos princípios lógico-ontológicos

68

**da identidade e da não
contradição, que
permanecem inalterados até
os dias de hoje, bem como
um dos precursores do
discurso metafísico.**

O período clássico

**Chamamos de período
clássico da Filosofia, toda a
produção intelectual grega,
compreendida entre os anos
de 500 a. C. e 338 a. C. e
que tem em Sócrates a sua
figura mais importante.
Historicamente, os gregos
viviam em seu período de
apogeu econômico marcado
pela disputa entre a**

democracia ateniense e a oligarquia espartana.

A Filosofia viu em Atenas o espaço ideal para o seu florescimento, mas foi apenas com Platão, principal discípulo de Sócrates, que atingiu o seu ponto mais alto.

Enfim Sócrates

Sócrates foi um ateniense exemplar. Apesar de sua origem humilde (filho de um escultor e de uma parteira), serviu como soldado de infantaria na *Guerra do Peloponeso*, vindo a

70

dedicar-se à Filosofia através dos ensinamentos de Anaxágoras e Arquelaus. Segundo a tradição, Sócrates teria despertado para a sua verdadeira vocação ao ver um parto feito por sua mãe, passando a chamar o seu próprio método de *maiêutica* (em grego esse termo significa *dar à luz, parto*). Para ele, a tarefa do filósofo não seria fazer de seus alunos depósitos do conhecimento de seu mestre, mas, ao contrário, permitir o nascimento das ideias já existentes.

<pág. 20>

Saiba Mais

**Guerra do Peloponeso –
Conflito armado entre as
cidades gregas de Esparta e
Atenas e seus aliados
ocorrido entre os anos de
431 a 404 a. C. e que marca
o declínio da hegemonia
grega no mundo antigo.**

Saiba mais em:

**[http://pt.wikipedia.org/wiki/
Guerra_do_Peloponeso](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Peloponeso)**

**Por meio de perguntas
sobre os fundamentos das
coisas e de sua famosa**

72

ironia, Sócrates tornou-se o modelo de filósofo recorrente ainda nos dias de hoje. Sujo e maltrapilho e eternamente distraído com suas reflexões, possuía uma legião de jovens seguidores que, juntamente com ele, perambulavam pelas ruas da Cidade de Atenas para ouvir as suas preleções sobre ética.



Figura 4: Sócrates filosofando ao ar livre com seus alunos. Pintura de Johann Friedrich Greuter: “Sócrates e seus estudantes”.

Diferente dos seus antecessores, Sócrates fora capaz de apresentar argumentos consistentes,

mesmo que por vezes inconclusivos, sobre uma infinidade de temas, em especial os relacionados à virtude e ao questionamento da natureza humana.

Apesar de não ter deixado nenhum texto escrito, tornou-se célebre por duas passagens registradas por seus alunos Platão e Xenofonte: a ida ao oráculo de Delfos e o processo de seu julgamento.

A sua visita à sacerdotisa (ou pitonisa) do mais famoso oráculo daquela época fez de Sócrates o homem mais sábio do mundo. Humilde, aceitou as palavras do deus como

**reflexo de sua própria
consciência diante de suas
limi-**

<pág. 21>

**tações. “*A verdadeira
sabedoria – dizia o filósofo –
consiste em se saber que
nada se sabe*”. Essa é de
uma das máximas mais
famosas da História que traz
consigo a concepção que
identifica a Filosofia não
como *posse* e sim como uma
busca incessante da
verdade.**



FIGURA 5: As Ruínas do Templo de Apolo em Delfos/ Pintura de Michelângelo – Síbila Délfica (1509). – Edição de Emmanuel Fraga.

O oráculo de Delfos era um dos mais famosos de toda a Grécia antiga. Diversas figuras importantes para lá se dirigiam, a fim de conhecer as enigmáticas previsões do deus Apolo ditas através de sua pitonisa. Conta a

tradição, que nas paredes do templo havia um grande número de provérbios e máximas. Uma delas teria inspirado o próprio

**Sócrates e sua filosofia:
“*Conhece-te a ti mesmo!*”**

Outra passagem famosa de Sócrates aconteceu em tempo de sua condenação. O jovem e desconhecido poeta Meleto apresentou ao tribunal as seguintes acusações contra ele:

1. Não reconhecer os deuses do Estado;

2. Introduzir novas e malignas divindades;

3. Corromper a juventude com as suas ideias.

Apesar de sua articulada defesa, Sócrates, com 70 anos, é condenado a morte, por envenenamento por cicuta, no ano de 399 a. C.

Para Platão, a morte de seu amado professor representou a perda não só para aqueles que tiveram a chance de conhecê-lo, mas para toda a Atenas, uma vez que ele: *“foi o melhor e também o mais sábio e mais justo dos homens.”*

(Fedon, LXVI)

<pág. 22>



Figura 6: Jacques-Louis David – A Morte de Sócrates. Diante de seus discípulos mais próximos, Sócrates encarou a morte com dignidade. Após recusar as diversas propostas de fuga da prisão, manteve a sua ironia ao

80

pronunciar suas últimas palavras:

“Críton, dê um galo ao deus Asclépio – do qual somos todos devedores”.

Multimídia

Uma excelente dica para quem ficou com vontade de saber mais sobre Sócrates é o filme do diretor italiano Roberto Rossellini, *Socrate* (1971). Durante os seus 120 minutos, você acompanhará todo o processo de julgamento e condenação de um dos filósofos mais famosos de todos os tempos.

**Assista na íntegra em:
[http://www.youtube.com/
watch?v=SIJSF-V6yBA](http://www.youtube.com/watch?v=SIJSF-V6yBA)**

Os sofistas

Diferente dos primeiros filósofos, cujo interesse girava em torno da natureza (*physis*) de questões mais gerais de ordem metafísica, os sofistas eram mestres das artes do discurso. Como profissionais do ensino, cobravam caro pelos seus serviços prestados à educação dos mais jovens que almejavam ingressar na carreira política.

A aparente despreocupação com a

busca da verdade e o fato de serem, em sua maioria, estrangeiros, constituíram os principais motivos que fizeram da escola sofística uma espécie de antagonista das ideias filosóficas, em especial as de Sócrates.

Assim como o filósofo ateniense, os sofistas deixaram pouquíssimos escritos, no entanto, sabe-se que os seus discursos caracterizavam-se por uma espécie de relativismo e convencionalismo, expressos em sua concepção de linguagem entendida exclusivamente como discurso de convencimento.

<pág. 23>

Verbetes

Relativismo: Perspectiva filosófica que defende que várias (ou mesmo todas) as perspectivas acerca da verdade são relativas a sua época e local de produção.

Convencionalismo: teoria que defende a ideia de que os valores, os costumes e a verdade são frutos de um acordo coletivo.

Entre os sofistas mais famosos afiguravam-se

Protágoras de Abdera (481 a. C.- 420 a. C.) e Górgias de Leôncio (483 a. C. -376 a. C.). O primeiro ficou célebre pelas implicações de sua máxima: *“O homem é a medida de todas as coisas, das que são que elas são, das que não são que elas não são”*. O segundo pelo seu *“Tratado do Não Ser”* e *“Elogio de Helena”*.

Saiba Mais

Na polêmica obra *“Tratado do Não Ser”*, Górgias pretendeu desconstruir todos os principais pressupostos

metafísicos através de três afirmações categóricas: *“nada existe; mesmo se o ser existisse, então seria incognoscível; e se fosse cognoscível, então este conhecimento (do Ser) seria incomunicável”*.

Em *“Elogio de Helena”*, o sofista utiliza-se de uma outra estratégia. Ao absolver Helena de Troia – odiada pelo povo grego que, desde sempre, lhe imputou toda a culpa pela guerra – Górgias pretendeu provar que basta uma boa

86

argumentação para que se atinja o convencimento.

Muito se discute sobre eles ainda hoje. Eles eram filósofos ou apenas enganadores – a exemplo da opinião de Platão presente em seus muitos diálogos dedicados a esses pensadores?

A Filosofia de Platão

Platão (437 a.C.- 347 a.C.) foi o mais famoso discípulo de Sócrates e professor de Aristóteles.

Em sua fase inicial, seus escritos têm na figura de Sócrates o seu principal

protagonista e caracterizam-se pela crítica ao conhecimento sensível e na tentativa de reprodução do pensamento socrático. Mais tarde, Platão – mesmo que a partir dos ensinamentos do mestre – desenvolve as suas três teorias principais, a saber:

. A teoria *das ideias ou formas* (apresentada de modo didático no diálogo “*Fédon*”) que defende a existência de dois mundos distintos: o sensível e o inteligível;

. A teoria da *linha dividida* (explicitada na obra “*República*”), onde propõe

88

uma hierarquia entre as diferentes formas de conhecimento;

. A teoria da *reminiscência da alma*, delineado no "*Fedro*". A partir do mito da parelha alada, Platão justifica a educação como um processo de relembramento (*anamnese*, em grego), uma vez que, enquanto almas,

<pág. 24>

havíamos contemplado todas as ideias existentes, mas que foram esquecidas no ato da encarnação.

É importante ressaltar que as duas primeiras teorias foram uma espécie de resposta aos problemas deixados pelos pré-socráticos Heráclito e Parmênides, isto é, o impasse entre o mobilismo universal e o imobilismo. E a última, um recurso à crença pitagórica da mentempsicose e ao papel de “parteiro” do educador, defendida por Sócrates.

Verbetes

Mentempsicose (do grego: metà = além de, e psiquê = alma). Crença, de origem

90

indiana ou egípcia, na transmigração das almas e sua encarnação em homens, animais ou mesmo vegetais.

O pensamento platônico é considerado um marco na história da Filosofia, tanto pela sua complexidade quanto pela abrangência de temas, e sua influência fez-se sentir não somente na Grécia, com a sua Academia, mas durante todos os longos séculos da filosofia cristã.



FIGURA 7: Academia platônica: mosaico de Pompeia, agora no Museu Arqueológico Nacional (Nápoles).

Fundada por Platão, por volta de 387 a. C., em Atenas, é considerada a primeira escola de Filosofia. Seu principal aluno, Aristóteles, ingressou na Academia com apenas 17

92

anos de idade e lá permaneceu por 20 anos, vindo mais tarde (em 335 a. C.) a fundar a sua própria escola, chamada Liceu. Devido à influência pitagórica, a Academia de Platão atribuía uma grande importância ao estudo da Matemática e, em seu pórtico de entrada, havia uma inscrição que dizia: *"Que não entre quem não souber geometria"*.

<pág. 25>

Atividade 2

A fim de superar a posição dos filósofos monistas quanto ao problema do Ser e do movimento, do uno e do múltiplo, Platão constrói sua teoria das ideias. A partir de então, defende a existência de dois mundos, a saber: um que respeita as características do Ser de

Parmênides (imobilidade, permanência...) e outro que é o palco de mudanças e transformações constantes,

apontado pelos mobilistas como Heráclito de Éfeso. De acordo com essa teoria, podemos-se afirmar que:

a. O mundo das ideias é o mundo verdadeiro, cópia abstrata do mundo concreto.

b. A conquista do conhecimento e da verdade só é possível através de uma espécie de ascese na qual o homem liberta-se do mundo real em direção ao mundo ideal.

c. O mundo sensível não existe, portanto, não é um problema a ser investigado.

d. A nossa mente produziu o mundo das

ideias, que nada mais são do que conceitos que habitam o nosso intelecto.

Conclusão

Já dizia um velho filósofo alemão que “*não se aprende filosofia e sim a filosofar*”.

Por outro lado, sem conhecer um pouco de sua história, essa fascinante arte de admirar-se e refletir sobre nós mesmos e o mundo que nos cerca poderia parecer ainda mais estranha e desprovida de sentido.

Em razão disso, aprendemos que a Filosofia

96

é, ao mesmo tempo, um produto grego e de todo aquele que, assim como Tales, procura por respostas. E, mesmo tendo entrado em contato com diversas teorias - por vezes contraditórias - percebemos o que une os seus autores é uma certa inquietação em relação a (quase) tudo.

Esse espírito questionador, crítico e curioso estava presente em todos os filósofos que foram abordados nesse primeiro módulo, não é mesmo? E em você? Esperamos sinceramente que sim...

<pág. 26>

Resumo

Aprendemos em nossa aula que:

. Existem diferentes formas de explicação da realidade, tais como o Mito, a Ciência e a Filosofia.

. Até a época do nascimento da Filosofia, a concepção grega do mundo baseava-se na crença de seres e forças sobrenaturais.

. Entre as condições históricas para o surgimento da Filosofia na Grécia estão

a questão cultural e a organização política.

. A Filosofia surge no século VI a. C., na cidade de Mileto, antiga colônia grega da Jônia.

. Tales de Mileto inaugura a Filosofia com a sua máxima "Tudo é água!"

. A Filosofia revela-se como uma espécie de atitude de natureza racional e crítica de busca das origem e fundamentos das coisas.

. Entre os inúmeros objetos dos quais a Filosofia pode refletir, cinco áreas são consideradas emblemáticas: a metafísica,

a epistemologia, a ética, a política e a antropologia.

. Tradicionalmente, divide-se a história da Filosofia em quatro grandes períodos ou fases: antiga, cristã, moderna e contemporânea.

. Os pré-socráticos foram os primeiros filósofos que temos conhecimento e suas teorias giravam em torno da questão da origem, da natureza, da identidade e da diferença de todas as coisas.

. A filosofia do movimento de Heráclito de Éfeso e a filosofia do Ser de Parmênides representaram

100

o primeiro debate de ideias da Antiguidade.

. Sócrates é considerado o mais importante representante do período clássico, ao lado de seu aluno Platão.

. A filosofia socrática dedicou-se à reflexão sobre a natureza humana, do conhecimento e do ensino da virtude (ética).

. A máxima socrática “só sei que nada sei” foi a fórmula encontrada pelo filósofo a fim de definir a sabedoria como uma forma de reconhecimento de nossas ignorâncias.

. Os sofistas foram mestres das artes do discurso e do convencimento e defendiam, em sua maioria, uma posição contrária a de Sócrates no que diz respeito à busca da verdade.

<pág. 27>

. Platão foi o principal discípulo de Sócrates e, em seus diálogos, dedicou-se a desenvolver e aprofundar o pensamento de seu professor.

Referências

Livros

- . ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando; introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.**
- . BLACKBRUN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Trad. de Desidério Murcho *et al* . Rio de Janeiro: Zahar, 1997.**
- . CHAÚÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2002.**
- . CORDI, Cassiano, SANTOS, Antônio Raimundo, BÓRIO, Elizabeth Maia *et al*. *Para filosofar*. São Paulo: Scipione, 2001.**

- . LAËRTIUS, Diógenes. Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres. Tradução: Mário da Gama Kury. Brasília; Editora da UnB, 1988**
- . MARCONDES, Danilo. Iniciação à história da Filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.**
- . OSBORNE, Richard. Filosofia para principiantes. Trad. De Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.**
- . PLATÃO. A República. Trad. de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.**
- . PRÉ-SOCRÁTICOS, Sócrates, Platão e**

104

**Aristóteles – São Paulo:
Nova Cultural, 1996
(Coleção Os Pensadores)
. REZENDE, Antonio (org.).
Curso de Filosofia. Rio de
Janeiro: Zahar, 1996.**

<pág. 29>

Respostas das atividades

Atividade 1

**Resposta pessoal. A
argumentação deverá ser
clara no seu objetivo de
demonstrar, a partir do
texto proposto, qual seria o
papel da Filosofia na
atualidade. É importante**

ressaltar que o autor faz duras críticas ao dogmatismo, ao contrário da ressignificação da busca pelo conhecimento promovida pela “incerteza” filosófica.

Atividade 2

Resposta Correta: B.

A ascese ou dialética ascendente platônica tinha como objetivo o reconhecimento das ideias como fonte única da verdade e do conhecimento. Esse processo de “libertação” da ilusão provocada pelos sentidos é

tradicionalmente associado ao Mito da Caverna.

Apesar de considerar o mundo inteligível (das ideias) verdadeiro, Platão jamais defendeu que o mesmo seria uma cópia do mundo concreto como consta na letra A.

Mesmo entendendo as ideias como fundamento do mundo sensível, Platão não foi tão radical a ponto de negar algum nível de realidade às coisas como sugere a resposta C.

Para Platão, as ideias possuem uma existência própria e independente dos conceitos que formulamos em nossas mentes. Por esse

motivo, não poderíamos assinalar a letra D como correta.

<pág. 31>

O que perguntam por aí?

(UEM 2008)

Questão 01: Os filósofos pré-socráticos tentaram explicar a diversidade e a transitoriedade das coisas do universo, reduzindo tudo a um ou mais princípios elementares, os quais seriam a verdadeira natureza ou ser de todas as

coisas. Assinale o que for correto.

01) Tales de Mileto, o primeiro filósofo segundo Aristóteles, teria afirmado “tudo é água”, indicando, assim, um princípio material elementar, fundamento de toda a realidade.

02) Heráclito de Éfeso interessou-se pelo dinamismo do universo. Afirmou que nada permanece o mesmo, tudo muda; que a mudança é a passagem de um contrário ao outro e que a luta e a harmonia dos contrários são o que geram e mantêm todas as coisas.

04) Parmênides de Eleia afirmou que o ser não muda. Deduziu a imobilidade e a unidade do ser do princípio de que "o ser é" e "o não ser não é", elaborando uma primeira formulação dos princípios lógicos da identidade e da não contradição.

08) As teorias dos filósofos pré-socráticos foram pouco significativas para o desenvolvimento da Filosofia e da Ciência, uma vez que os pré-socráticos sofreram influência do pensamento mítico, e de suas obras apenas restaram

110

fragmentos e comentários de autores posteriores.

16) Para Demócrito de Abdera, todo o cosmo se constitui de átomos, isto é, partículas indivisíveis e invisíveis que, movendo-se e agregando-se no vácuo, formam todas as coisas; geração e corrupção consistiriam, respectivamente, na agregação e na desagregação dos átomos.

<pág. 32>

GABARITO OFICIAL: 01-02-04-16

COMENTANDO...

Todas as afirmações são corretas com exceção da oitava, pois, como vimos, o pensamento pré-socrático exerceu grande influência sobre o desenvolvimento da Filosofia. E mesmo a proximidade com o discurso mítico não impediu que vários desses pensadores preconizassem teorias científicas modernas, como o caso de Tales e da teoria das partículas atômicas de Demócrito e Leucipo.

112

<pág. 33>

Caia na rede!

1. Para quem se interessa pela mitologia, uma boa dica é a edição sobre a *genealogia dos deuses gregos* da Revista Superinteressante nº. 279 (jun. 2010).

Cercado de ilustrações, o seu bem cuidado infográfico apresenta toda a árvore genealógica dessas divindades, começando pelo Caos e chegando até os principais habitantes do Monte Olimpo.

**Disponível online em:
<http://www.flickr.com/pho>**

tos/revistasuper/4799237687/lightbox/

2. *Elogio de Helena* de Górgias de Leôncio é um excelente exemplo da habilidade sofística de construir um discurso convincente. O texto conta com uma tradução cuidadosa do grego pelo Grupo Anágnosis da UFMG e encontra-se disponível em: <http://anagnosisufmg.blogspot.com/2009/11/elogia-de-helena-gorgias.html>

3. A maior parte das obras dos poetas Homero e Hesíodo, bem como os diálogos de Platão, também possuem traduções para o

114

Português e podem ser lidas on-line. Bastam alguns minutos de pesquisa e pronto! Horas, dias e meses de muita diversão.

Unidade 2

<pág. 35>

Quem é o ser humano?

Para início de conversa...

Como vimos, a Filosofia iniciou-se perguntando pela *natureza* das coisas do mundo. Os filósofos queriam explicar qual o princípio que fornece a identidade de cada ser. Um cavalo, uma pedra, um ser humano, uma árvore são seres distintos. No entanto, por mais que eles se transformem, eles continuam sendo o que são.

116

Não é porque um cavalo se modifica que ele deixa de ser cavalo e se torna uma pedra. Antes disso, tudo indica que há no cavalo, assim como nos outros seres, alguma coisa que permite que haja transformação em seu ser sem destruição de suas particularidades. Essa natureza que sustenta cada ser, que os permite se transformarem e se preservarem sendo o que são, foi o objeto primeiro da Filosofia. É como se o filósofo se encantasse com a multiplicidade de seres do mundo, com suas transformações (devir) e

com o fato de que, ainda que tudo mude, há algo que preserva cada ser sendo o que é. O que seria esse algo? Como podemos entendê-lo?

Aos poucos, os filósofos deslocaram sua atenção para o ser humano. Isso não é difícil de ser compreendido. Somos nós que admiramos o mundo. Somos nós, seres humanos, que perguntamos por que as coisas são do jeito que são e não de outro modo. Somos nós que criamos a Filosofia, assim como a poesia, os mitos e a religião. Por isso, nada mais justo do que a

118

Filosofia concentrar-se, também, no ser humano e buscar entender sua essência e sua riqueza. Entretanto, se hoje, com o desenvolvimento de diversas ciências (como a medicina, a psicologia, a sociologia, a antropologia, dentre outras), nós possuísimos muitos conhecimentos sobre o ser humano, não quer dizer que a Filosofia, ao longo de mais de 2500 anos de existência, sempre tenha considerado o ser humano da mesma forma. Nada disso. Muitos elementos, que hoje acreditamos que constituem o homem,

<pág. 36>

não eram pensados antigamente pelos filósofos. O que atualmente chamamos de *inconsciente* não era sequer mencionado pelos filósofos. Isso mostra que a maneira como o ser humano entende a si mesmo sofreu e ainda sofre variações ao longo da história. Dito de outra maneira: o modo como o homem se compreende é construído historicamente.

A Filosofia nunca conheceu uma teoria que conseguisse responder, de

120

uma vez por todas, quem é o ser humano.

Estamos sempre questionando quem somos e dizendo de modo renovado quem é o ser humano.

Nesse nosso estudo, mostraremos alguns modos e alguns conceitos que a Filosofia, ao longo da história da cultura ocidental, criou para entender quem é o homem.

Objetivos de aprendizagem

. Explicitar o modo mitológico de compreensão do ser humano;

. caracterizar a definição grega de ser humano como animal racional;

- . definir a ideia medieval de ser humano como imagem e semelhança de Deus;**
- . assinalar a compreensão moderna de ser humano como subjetividade autônoma;**
- . apresentar o ser humano contemporâneo como ser de desejos e ser social.**

<pág. 37>

Seção 1

A explicação mitológica e o homem como ser racional entre os antigos

Como vimos na última aula, a Filosofia nasceu de uma ruptura com os mitos. Isso quer dizer que, antes mesmo de o homem grego questionar a realidade filosoficamente (racionalmente), ele encontrou diversas explicações para o mundo em que vivia. Os mitos, de algum modo, mesmo sem utilizar conceitos racionais, davam respostas a diversas indagações humanas: por que o mundo existe? Qual o sentido da vida? O que acontece após a morte? Por que existe o maremoto? Essas questões e outras

encontravam nos mitos suas respostas.

Nesse sentido, o homem, primeiramente, pensou a si mesmo através dos mitos. Sua existência foi explicada diversas vezes por meio de forças divinas, personagens religiosos e, assim, o homem grego encontrava sentido em sua vida e conseguia lidar de modo mais seguro com seu dia a dia. Vejamos um desses mitos. Trata-se de um mito famoso, chamado de Fábula de Higino. Ela estruturou a compreensão dos romanos antigos, que era muito parecida com a dos gregos,

124

sobre quem é o homem e qual o seu destino. Seus personagens correspondem a outros personagens presentes na cultura grega antiga:

“Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter.

Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado.

Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome.

Enquanto Júpiter e Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da terra. Originou-se então uma discussão generalizada.

De comum acordo, pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa:

Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura.

Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer.

Mas, como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver.

E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: essa criatura será chamada *Homem*, isto é,

**feita de *húmus*, que
significa terra fértil.”**

**(Disponível em
<http://elologica.br.inter.net/umigun/fabula.htm>.
Acessado dia 4/07/2012)**

<pág. 38>



Figura 1: O Júpiter de Esmirna (Museu do Louvre) com um dos seus atributos: o raio.

Esse é um mito que explica para o homem romano antigo diversos elementos importantes para

sua vida. Nele, ser humano é ser feito de barro (terra), o que mostra sua fragilidade, sua precariedade e mortalidade. Por sermos barro, devemos cuidar de nós mesmos, buscar meios que fortaleçam nossa condição frágil. No entanto, Júpiter, o deus criador das coisas, nos deu o espírito, o que indica um elemento divino e forte no próprio ser humano. É por causa do espírito que conseguimos viver de modo íntegro em nossa condição mortal. E quem decide o nosso nome (homem) é Saturno, deus do tempo e

130

pai de Júpiter. É o deus do tempo que diz que somos feitos de barro e espírito e, assim, somos feitos de húmus, a terra fértil. Como o ser humano foi planejado pela mente do Cuidado, enquanto ele está na Terra, fica amparado pelo próprio cuidado. Por isso, é o cuidado que nos faz viver a fragilidade de nossa condição mortal enquanto estamos vivos. Isso indica que, para que vivamos na Terra, é preciso cuidado constante, pois a fragilidade da nossa vida nos ameaça a todo instante.

Esse tipo de discurso, apesar de não ser filosófico,

criou para os antigos um modo de compreensão da natureza do homem. Com a Filosofia, rapidamente, esta maneira de entendimento da natureza humana se renovou. Foi o que aconteceu entre os gregos na época de Sócrates (469-399 a.C.). Eles começaram a perguntar *racionalmente* pela essência humana. Perguntar pela essência humana é perguntar por aquilo que diferencia os seres humanos de todos os outros seres do mundo: o que faz o ser humano ser quem ele é, diferente do

132

cavalo, da pedra e dos deuses? Ao

<pág. 39>

mesmo tempo, a essência do homem é aquilo que, se for retirado do ser humano, aniquila sua identidade. Se retirarmos do ser humano o seu cabelo ou se alguém ficar mais magro ou mais gordo, essas mudanças não mudam a sua essência.

A pessoa não deixa de ser um ser humano. Mas, se retirarmos a essência, aí as coisas mudam completamente.

Acaba-se com o homem. Foi assim que Sócrates e seu discípulo Platão (427-

347 a.C.) enxergaram o ser humano: eles tentaram saber qual é a sua essência, qual é o elemento que, se for retirado do homem, destrói sua natureza.

Como já foi dito, os gregos se espantaram com o dinamismo e com a pluralidade dos seres do mundo. É como se eles achassem tudo isso um verdadeiro milagre. É claro que, para nós, homens orientados pela ciência e tecnologia, o que encantava os gregos não chama mais a nossa atenção. Apesar disso, devemos levar em conta que eles viveram em

134

outro tempo e, por isso, tinham outro modo de compreender a realidade. Justamente esse modo singular de entender as coisas gerou uma concepção peculiar de ser humano. Por um lado, nós percebemos que as coisas mudam, se transformam e ganham, por isso mesmo, novas configurações. Uma semente se transforma e o caule surge. Logo depois, uma árvore nasce daquele caule. Quando madura, essa árvore pode deixar que nasçam frutos. O mesmo acontece com um rio. Ele nasce, suas águas fluem e ele desemboca no mar.

Percebemos, por todos lados, o fluxo transformador de todas as coisas. Nós mesmos nascemos, crescemos e morremos. Por outro lado, por mais que tudo se transforme, a identidade de cada coisa, de algum modo, continua preservada. Quando um ser humano se transforma, ele não deixa de ser humano e se transforma em borboleta. Uma semente de limoeiro não se transforma em abacateiro. Isso mostra que nós captamos uma dimensão da realidade que se transforma e outra que é estável. É como se

136

tivéssemos duas visões: uma vê a transformação constante das coisas; já a outra percebe algo constante, que fornece aos seres suas identidades. A partir dessa compreensão do mundo, que o divide em dimensão transitória e dimensão permanente, os gregos criaram seu modo de entendimento de quem é o ser humano. Vejamos o modelo que nasceu com a filosofia de Platão.

Com Platão, os gregos antigos conseguiram encontrar uma resposta para a pergunta: quem é o homem? Assim como o mundo possui uma

dimensão transitória e outra permanente, o homem, enquanto um dos seres do mundo, também possui uma dupla dimensão. A dimensão transitória do homem é o corpo. Através do corpo, os seres humanos sentem os sabores dos alimentos, a espessura dos objetos, o cheiro das coisas, o som dos pássaros e, por meio da visão, vê as coisas ao seu redor. Isso quer dizer que o nosso corpo é composto por diversos sentidos: olfato, paladar, tato, audição e visão. Através dos sentidos, as coisas do mundo mostram sua

transitoriedade. Em outras palavras: para os sentidos humanos, tudo flui, tudo se altera, nada é imutável. É o corpo, então, que se relaciona com a dimensão transitória do mundo. Mais: o nosso corpo é tão transitório quanto as coisas transitórias que ele capta. Se os nossos olhos veem uma flor nascer, crescer e morrer, o nosso corpo também nasce, cresce e morre. Neste sentido, o corpo humano é o que faz com que o ser humano seja mortal. Nós morremos porque o nosso corpo não é imutável. Ora, mas, como já foi dito, apesar de nós

captarmos a transitoriedade das coisas pelos sentidos, de algum modo nós também percebemos no mundo algo de constante, algo que não é transitório. Captamos com os olhos uma criança ou uma obra de arte bela. Mas a criança e a obra de arte não são eternas. Elas se transformam. A criança se transforma

<pág. 40>

em adolescente e a obra de arte pode ser quebrada ou queimada por um incêndio. Mesmo que elas se

140

transformem, a beleza não desapareceu por causa dessa transformação. Pelo contrário: nós continuamos a perceber a beleza em outras coisas: em poesias, nos carros, em outras pessoas etc. Isso quer dizer que a beleza não muda só porque os objetos belos mudaram. A essência de beleza não é transitória. Ora, se o nosso corpo só capta o que é transitório, como captamos o que não se transforma?

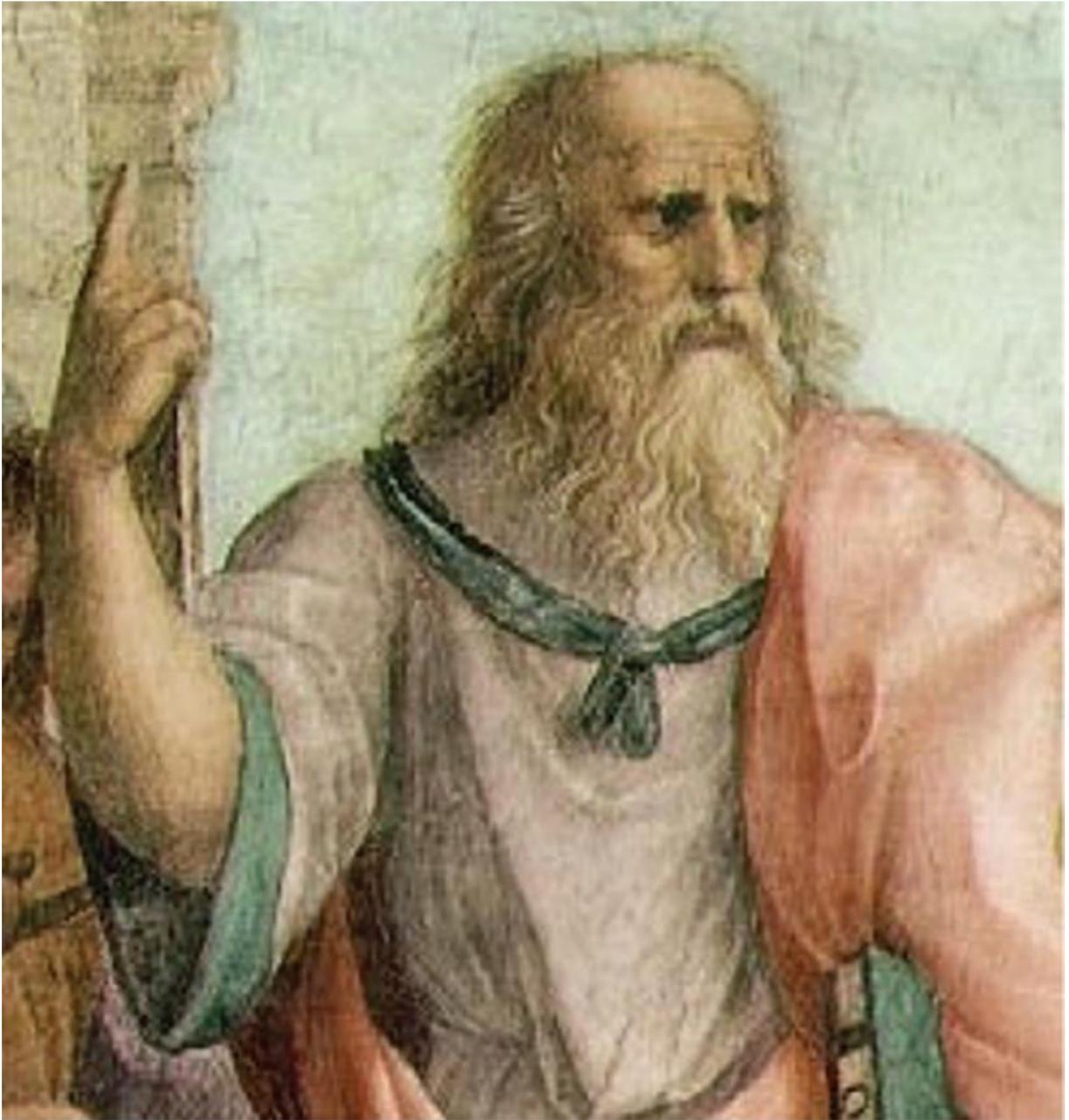


Figura 2: Platão. Detalhe da obra *A Escola de Atenas*, de Rafael. Na obra, Platão aponta o indicador para o alto: a inteligência filosófica

142

deve desviar-se do mundo das aparências e voltar-se para a realidade das coisas eternas.

Platão entendia que o homem não é somente corpo. Há algo nele que não é transitório. Esse algo é a alma.

Ela está no nosso corpo, mas não se confunde com ele. É ela que conhece a dimensão permanente da realidade. Se o corpo capta os seres transitórios por meio dos sentidos, a alma capta a essência eterna das coisas por meio da razão.

Quando vemos uma pessoa agir de maneira

justa, reconhecemos que aquela ação que os nossos olhos veem é justa, porque nossa razão conseguiu “enxergar” através daquela ação transitória a essência eterna da justiça. Se nossa razão conhece o que é a justiça, nossos olhos podem ver diversas ações humanas, que nós iremos reconhecer, por mais diferentes que elas sejam, se elas são justas ou não. Outro exemplo: os nossos sentidos podem captar diversas cadeiras de diferentes tipos: cadeira de madeira, cadeira de plástico, cadeira de ferro,

144

**cadeira grande, cadeira de
balanço etc.**

**No entanto, só sabemos
que todos aqueles objetos
que os nossos sentidos
captam são cadeiras porque
nossa alma, através da
razão, enxergou a essência
eterna e universal da
cadeira. Isso quer dizer que
o nosso corpo capta o
transitório, mas nossa razão
consegue ir para além do
transitório e captar o que é
eterno.**

<pág. 41>

É fácil entender por que os gregos definiram o homem como *animal racional*. Ele é animal porque tem uma dimensão transitória, que nasce, cresce e morre. Essa dimensão possui sentidos e capta o mundo transitório. Essa dimensão não está presente somente nos homens. Outros seres (animais) também possuem essa dimensão. Cachorros e gatos, por exemplo, sentem cheiro, veem as coisas, ouvem barulhos de modo parecido com o ser humano. O que diferencia o homem

dos outros animais é sua razão. Se o ser humano é constituído de corpo e de alma, o que o define como homem, que não está presente em outros seres vivos, é a alma racional. Por isso, o homem pensa, fala, cria obras de arte etc. Isso tudo não pode ser feito por gatos, peixes, cavalos, por mais que eles possam conhecer os objetos singulares através de seus sentidos. Se a razão é o que diferencia o homem dos demais animais, quanto mais ele orientar sua vida pela razão, mais ele realiza sua essência. Podemos, então, dizer que, com os

gregos, o ser humano se entendeu como um animal racional.

Atividade 1

Descobrimo as diferenças entre concepção mitológica e filosófica do ser humano, segundo o que foi apresentado até aqui, responda:

a. Como a Fábula de Higino apresentada explica a essência do ser humano? Por que essa história é considerada um mito?

b. Como Platão explica a natureza humana? Qual sua diferença em relação à

148

compreensão mitológica do homem?

Seção 2

O homem medieval: imagem e semelhança de Deus.

O homem medieval não enxergou o ser humano tão somente como animal racional, porque o homem medieval era essencialmente religioso. Nesse momento da história, o homem encontrou três grandes religiões para orientar sua vida: judaísmo, cristianismo e islamismo. Importa perguntar aqui pelo homem medieval cristão. Diferentemente

<pág. 42>

dos gregos e romanos antigos, o homem cristão não pensou o ser humano somente através da razão. O cristianismo, como sabemos, orienta-se pela Bíblia, a Sagrada Escritura. Por outro lado, na Idade Média, o cristianismo sofreu grandes influências da filosofia grega. Ainda hoje essa influência se manifesta. Por exemplo: vamos a uma igreja participar de um culto ou missa de morte de alguém que conhecemos. O celebrante começa a falar

150

de vida após a morte e diz que o corpo morre, mas a alma é imortal. Esse pensamento, que é comum a todas as tradições cristãs, surgiu no cristianismo por causa da influência do pensamento grego antigo. Como vimos, os gregos pensaram o ser humano como um corpo habitado por uma alma. O corpo é transitório e mortal, e a alma é imortal. Por isso, com a morte, o corpo se deteriora e a alma sobrevive. Dessa concepção surgiu, na Filosofia, a ideia de imortalidade da alma. Como o cristianismo medieval sofreu influência

dos gregos, ele também pensou (e ainda pensa) que a morte do corpo não aniquila a alma, porque a alma sobrevive à morte. Ora, isso é um sinal de que o cristianismo medieval usou a Filosofia e a Bíblia para pensar o ser humano. E disso surgiu uma ideia singular da natureza humana. Como, então, o homem medieval entendeu o ser humano? Vejamos alguns textos da Bíblia:

“Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, conforme a nossa semelhança; tenha ele o

152

domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra. (Gênesis 1, 26-28)

**Que é o homem mortal
para que te lembres dele? E
o filho do homem, para que
o visites?**

**Pois pouco menor o
fizeste do que os anjos, e de
glória e de honra o coroaste.**

**Fazes com que ele tenha
domínio sobre as obras das
tuas mãos; tudo puseste
debaixo de teus pés:**

**Todas as ovelhas e bois,
assim como os animais do
campo,**

**As aves dos céus, e os
peixes do mar, e tudo o que
passa pelas veredas dos
mares.**

154

**O SENHOR, Senhor nosso, quanto admirável é o teu nome sobre toda a terra!”
(Salmo 8, 4-9)**

Para o homem medieval, o ser humano é *imagem e semelhança* de Deus. A *grandeza* de Deus de algum modo está presente no ser humano. É nesse sentido que o ser humano é a “coroa da criação”. Todas as criaturas foram criadas para que o homem as dominasse. Assim como Deus é Senhor e, por isso, está acima de toda criação, o homem, feito à imagem e semelhança de Deus, foi criado para dominar a criação. É ele que dá *nome* às criaturas e,

assim, as usa em benefício próprio. Usa o boi, come a galinha, corta os galhos de uma árvore e constrói casas com pedras. Assim como

Deus cria as coisas do mundo, o ser humano cria novas coisas a partir daquelas que encontra no mundo: moradia, arte, jogos etc. Ao mesmo tempo, o salmo reproduzido acima pergunta: "Que é o homem mortal para que te lembres

dele?" Isso mostra que o ser humano relaciona-se com Deus. Deus preocupa-se com o homem. Por isso, sua vida está

<pág. 43>

destinada a relacionar-se com Deus. A Bíblia inteira exorta o ser humano a, cada vez mais, se relacionar com Deus. Somente quando o homem relaciona-se com Deus pode ele viver plenamente. É nesse sentido que se diz que o homem medieval entendia Deus como o eixo em torno do qual gira a vida humana. Ser imagem e semelhança de Deus não é somente ser parecido com Deus. É, sobretudo, ser capaz de se relacionar conscientemente

com Deus e buscar Nele o sentido da vida humana. Em vários momentos, a Bíblia chama Deus de *Senhor*. Se Deus é o Senhor, é porque Ele domina a vida. O homem medieval reconheceu em Deus o Senhor de sua existência.

Por um lado, o homem medieval reconheceu o ser humano como “Senhor” da criação; por outro lado, ele se viu dependente de Deus, pois somente Deus é o Senhor da criação. Por isso, o homem medieval entendeu o ser humano como *criatura* de Deus: uma criatura superior às outras

158

criaturas, mas, ainda assim, o ser humano é uma criatura. Ser criatura significa ser dependente de Deus. Para o homem medieval, todo ser humano depende de Deus. Sem Deus, a vida humana é pura infelicidade. Com Deus, o homem atinge sua felicidade suprema. Nele, o homem medieval encontrava socorro, alegria, força, paz, perdão, salvação, amor etc. Sem essa dependência de Deus, o ser humano não seria ninguém. Essa dependência do ser humano em relação a Deus foi expressa pelo pintor Michelangelo, na famosa

**pintura *A criação de Adão*
(1511).**



Figura 3: A Criação de Adão, de Michelangelo Buonarroti, por volta de 1511. A pintura figura no teto da Capela Sistina.

A imagem é clara. Deus está sobre a Terra. Acabou de criar Adão. Deus está pairando sobre a Terra, o que é um sinal de superioridade. Adão,

desprotegido, sem roupa, só existe porque Deus o criou. Sem Deus, Adão não seria ninguém, um puro

nada, sem qualquer existência. Criatura de Deus, Adão necessitará sempre se relacionar com Ele para que sua vida seja plena e feliz. Justamente isso exige do homem fé. O homem medieval entendeu o ser humano como um ser que deve ter fé. Se os gregos antigos valorizaram a razão humana, o homem medieval, além da razão, valorizou a fé. Segundo os medievais, a fé

leva o homem para uma dimensão mais elevada que aquela que a razão atinge. Isso acontece sobretudo de duas maneiras.

Em um primeiro momento, o homem medieval entendeu a fé como o ato de acreditar na revelação de Deus presente na Bíblia.

Crer é acreditar naquilo que a Bíblia diz como sendo Palavra de Deus. É claro que a Bíblia afirma várias coisas que a nossa razão por si só não conseguiria alcançar. A Bíblia fala que o Mar

Vermelho se abriu por causa de Deus. Só conseguimos saber disso por meio da Bíblia e não porque nossa razão descobriu isso através de sua atividade. A Bíblia diz que Jesus multiplicou pães e peixes. Como nossa razão conseguiria entender esse milagre? É a fé que leva o homem a alcançar esse conhecimento que a razão sozinha não conseguiria saber. Esse conceito de fé orientou toda a Idade Média. A fé leva o homem a conhecer algo mais elevado que aquilo que é conhecido pela razão. Mas isso não quer dizer que o homem medieval desconsiderasse a

razão humana. Pelo contrário, para ele, o ser humano deveria sempre usar a razão para explicar melhor aquilo que a fé conhece. Por isso, afirmou Santo Anselmo (1033-1109): “Com efeito, não busco compreender para crer, mas creio para compreender (...) creio, porque, se não cresse, não conseguiria compreender” (ANSELMO, Santo, 1979). Em outras palavras, para o homem medieval, a fé deve orientar a razão, para que a razão possa explicar aquilo que o homem crê.

Mas a fé não se reduz ao conhecimento de coisas que estão além da razão. Ela diz respeito à vida humana concreta.

O homem de fé vive de modo diferente.

Experimenta na sua existência o que a Bíblia chama de *salvação*. Paulo chega a afirmar: “O homem é justificado pela fé” (Romanos 3, 28). Pela fé, o homem não pensa em Deus, mas sente Sua presença em sua existência. Por isso, a fé decide o destino da vida humana e possibilita a ele uma vida de plenitude, que a Bíblia chama de *bem-aventurança*. O homem

medieval orientava-se por esses dois conceitos de fé. De qualquer forma, para ele, a razão humana deveria servir à fé e a fé deveria colocar o homem a serviço de Deus. Somente assim, o ser humano assumiria sua essência de imagem e semelhança de Deus.

Atividade 2

A partir da concepção medieval-cristã do ser humano, responda:

1. O texto abaixo pertence à famosa música

**“Faz um milagre em mim”,
de Regis Danese. Por que
ela pode ser considerada
expressão da concepção
medieval-cristã de ser
humano?**

**“Entra na minha casa.
Entra na minha vida. Mexe
com minha estrutura. Sara
todas as feridas. Me ensina
a ter santidade. Quero amar
somente a Ti. Porque o
Senhor é meu bem maior.
Faz um milagre em mim”
(Disponível em:
[http://letras.mus.br/regis-
danese/1506456/](http://letras.mus.br/regis-danese/1506456/))**

**2. A seguir reproduzimos
a imagem da escultura “O
êxtase de Santa Tereza”, do**

escultor italiano Gian Lorenzo Bernini (1598-1680). Nele, um anjo está lançando uma flecha no coração de Santa Tereza, mística católica do século XVI. Conta a lenda que o êxtase de Santa Tereza foi precedido pelo seguinte diálogo entre ela e o anjo:

<pág. 45>

- Teresa... – disse-lhe a voz do ser iluminado que lhe aparecia à frente.

168

- Chegou a minha hora, senhor?

- Não, venho aqui para encher o teu vazio, já o tens sentido há algum tempo. Deus ouviu as tuas preces e encarregou-se de me enviar para te ajudar.

Teresa, um pouco incrédula com a situação, esfregou os olhos para tentar acordar daquilo que só podia ser um sonho, mas não resultou; o ser iluminado ainda se encontrava à sua frente.

- E como pensas encher o meu vazio?

- Deus entregou-me esta lança para que possa

**satisfazer o teu mais eterno
desejo.**



**Figura 4: O Êxtase de Santa
Teresa.**

170

Com o auxílio do diálogo reproduzido, diga por que a concepção de ser humano manifestada na escultura sobre o êxtase de Santa Tereza diz respeito àquela concepção desenvolvida pela Idade Média.

<pág. 46>

Seção 3

O homem moderno: centro do universo

Acabamos de falar sobre o homem medieval. Para ele, Deus é o centro do

universo. Isso porque o homem é criatura de Deus, ou seja, o ser humano não seria ninguém se Deus não o tivesse criado. Por isso, seu ser depende de Deus, mas Deus não depende do seu ser. Esse pensamento está hoje em dia expresso em alguns adesivos que muitos motoristas colocam em seus carros. Um deles diz assim: "Você sem Deus não é nada. Deus sem você é Deus". De forma semelhante a esse pensamento, o homem medieval deveria cada vez mais assumir a sua dependência de Deus. Isso é a tarefa da fé: entregar-se a

Deus inteiramente. Por outro lado, vimos também que a fé, ao crer na Bíblia (Palavra de Deus), informa ao homem algumas verdades que sua razão sozinha não alcançaria. Nesse sentido, a fé leva a razão a uma dimensão mais elevada que aquela que ela mesma acessa. Isso foi válido na Idade Média. No entanto, hoje já não é bem assim. Podemos crer em Deus e ser cristãos. No entanto, o modo como o cristianismo entende o homem (e a realidade) já não é único. Há diversos outros modos de entender a vida e o próprio homem que

possuem atualmente mais capacidade de orientar o ser humano. Se, na Idade Média, quando alguém era julgado por um juiz, este deveria levar em conta, sobretudo, as verdades de fé da Igreja, hoje, se houver um caso de assassinato, ninguém leva em conta se o assassino estava ou não possuído pelo demônio. Na Idade Média, era comum (por exemplo, na Inquisição) se falar em demônio quando alguém era julgado. Podemos pensar em outro exemplo. Se hoje em dia houver um caso de epilepsia em nossa família,

174

procuramos primeiramente um médico para entender o que está acontecendo e para prestar socorro. Na Idade Média, era mais comum a procura de um padre, pois o que hoje é, para nós, uma doença, era, para os medievais, uma possessão demoníaca.

Verbetes

Inquisição

Inquisição - O termo "inquisição" refere-se, de modo geral, ao conjunto de instituições e instrumentos de caráter judicial criados para combater as heresias no mundo católico medieval.

As heresias caracterizam-se como doutrinas contrárias ou diferentes de um sistema doutrinal ortodoxo. Por exemplo, se a afirmação da Trindade é aceita como um dogma do catolicismo cristão, qualquer doutrina pretensamente cristã que ouse negar o dogma da Trindade será considerada herética.

Essa mudança de entendimento se deve ao surgimento da modernidade. A modernidade é justamente uma nova época da história ocidental, que rompe com

176

muitos aspectos do pensamento antigo e medieval. O homem moderno passa a compreender o ser humano de um modo novo. Apesar de existirem igrejas e de a Filosofia ser estudada nas escolas e faculdades, aos poucos, não terá tanto valor a concepção antiga de ser humano como animal racional (alma imortal e corpo mortal) ou de criatura de Deus. Cada vez mais o homem medieval irá pensar o ser humano como *sujeito autônomo*. O homem moderno não será mais a "coroa da criação", como na Idade Média. O homem

começa a pensar que ele é o centro do universo. Deus, aos poucos, deixa de ser objeto de preocupação do ser humano. O homem se considera um “pequeno Deus”, pois, para o homem moderno, o ser humano pode controlar a realidade através da ciência; pode transformar as coisas por meio da tecnologia; pode criar suas leis através da política; pode afastar a morte através da

<pág. 47>

178

medicina – tudo isso era, anteriormente, obra de Deus (ou dos deuses, no caso dos gregos e romanos). Agora, o destino das coisas e do mundo passa a estar nas mãos do homem. Se a Idade Média é *teocêntrica* – Deus é o centro de tudo -, a modernidade é *antropocêntrica*: o homem é o centro de tudo. Vamos estudar alguns aspectos valorizados pelo homem moderno no ser humano, ou seja, vamos estudar o modo como o homem moderno entendeu a natureza humana.

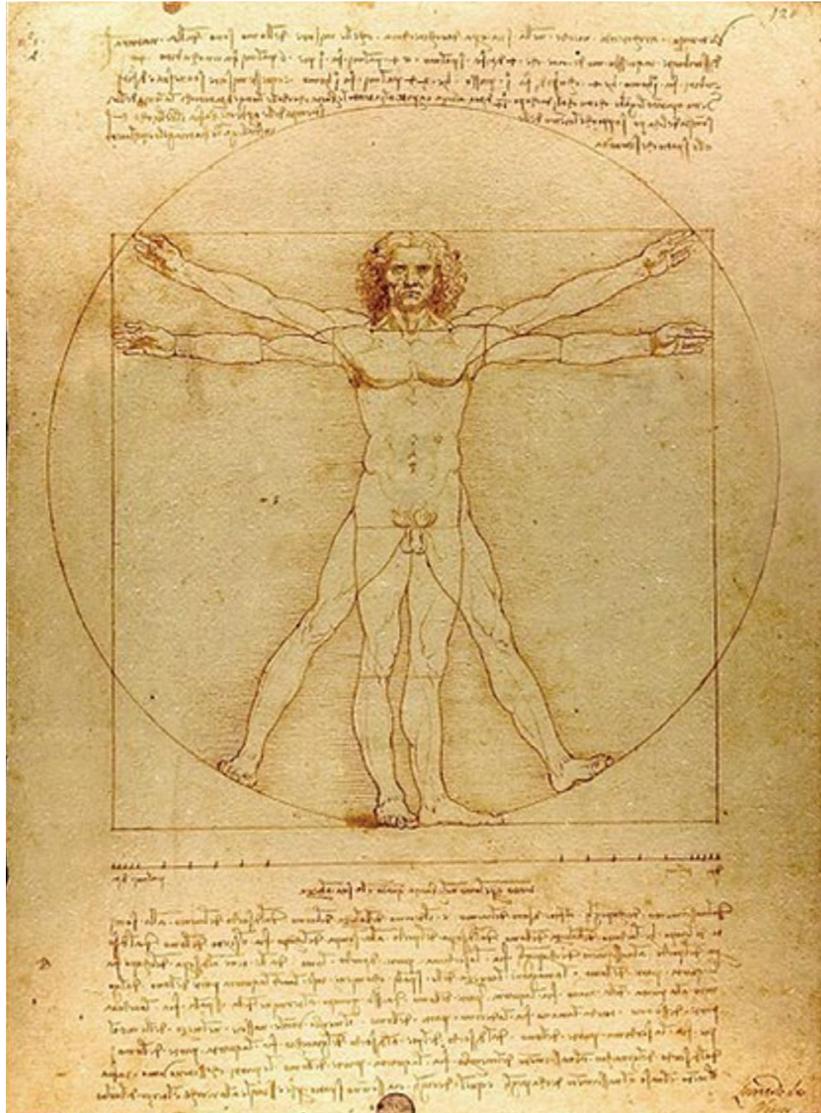


Figura 5: O *Homem Vitruviano*, de Leonardo da Vinci (por volta de 1490). O desenho de Leonardo é inspirado em uma passagem de uma obra da Antiguidade, o tratado *De*

***Architettura*, de Vitrúvio. No terceiro livro de sua obra, Vitrúvio dedica-se à descrição das proporções do corpo humano. O *Homem Vitruviano* é uma tentativa de Leonardo de esboçar essas proporções e ilustra um novo tipo de preocupação do pensamento europeu, que aos poucos se distancia de Deus e passa a ter como tema o homem.**

O homem moderno é insubmisso, ou seja, ele não se submete a nenhum controle. Por isso, ele não “abaixa a cabeça” para as autoridades do seu tempo. Toda tradição antiga, baseada no poder da Igreja

e no poder da monarquia (rei e nobreza), passa a ser questionada. A modernidade é a época de inúmeras revoluções: revolução científica, revolução francesa, revolução industrial etc. Toda autoridade antiga passa a ser questionada. Não importa se as coisas são do jeito que são porque a Igreja diz que devem ser assim. O homem moderno quer saber se ele mesmo pode dizer o porquê das coisas. Isso mostra uma primeira característica do homem moderno: a separação entre fé e razão.

<pág. 48>

Diferentemente da Idade Média, o homem moderno não conjuga fé e razão e não acredita que a fé deve levar a razão a um nível que ela, por si mesma, não alcançaria. Se a fé estava atrelada à Igreja e aos seus conhecimentos e dogmas, o homem moderno vai querer libertar a razão do jugo da fé. Isso significa que, para a modernidade, a razão deveria lutar contra o poder de dominação da Igreja e de seus conhecimentos. Por isso, a modernidade, cada

vez mais, luta contra o poder da Igreja. Hoje em dia, isso aparece com mais clareza. Nós não perguntamos o que as igrejas cristãs pensam para lidarmos com diversos problemas da vida atual. O nosso governo não é obrigado a acatar o que as igrejas querem, só porque elas querem algo. Em nossas escolas, as crianças e adolescentes não aprendem, nas aulas de biologia, a doutrina da criação do universo em sete dias, mas aprendem a teoria da evolução de Darwin. Se estivéssemos na Idade

Média, seríamos proibidos de falar em evolução das espécies, o que mostra o quanto a Igreja perdeu poder em nossa cultura. É assim por causa da modernidade.

A política moderna também é marcada por um claro desejo de libertação. A sociedade antiga era organizada por um tipo de poder considerado sagrado. Consideravam-se os reis como escolhidos por Deus. A pobreza era resultado da vontade divina. As classes sociais também eram desejadas por Deus. Havia, portanto, uma autoridade divina que justificava as

injustiças sociais. O homem moderno, aos poucos, começa a lutar contra essa ordem. Os governos passam a ser formados pela vontade dos indivíduos: os cidadãos. Não há nenhum poder que seja eterno, pois todo poder tem que ser construído por meio da participação do povo. Ao mesmo tempo, quem cria as leis não é a fé religiosa, mas a razão humana. Cada vez mais surgem países que assumem regimes democráticos e retiram do poder reis e nobres. As revoluções surgem por todos os lados, para destruir

as bases das velhas políticas. Tudo que se relaciona com opressão e controle passa a ser questionado pelo homem moderno. Isso significa que a modernidade entende o ser humano de modo diferente do modo como os gregos e medievais entenderam.

Para os gregos, o homem, enquanto animal racional (corpo e alma), deveria orientar-se pela razão e seguir as leis que governam sua natureza e o mundo. Essas leis seriam encontradas através da razão. Já os medievais, como vimos, consideraram o

ser humano como criatura de Deus. Os homens deveriam se submeter a Deus pela fé e pelo seguimento da autoridade da Bíblia. Tanto os gregos quanto os medievais achavam que o ser humano deveria se submeter a alguma autoridade previamente instituída: ou Deus ou a natureza humana. Para os gregos, a natureza humana contém uma ordem e uma finalidade que podem ser captadas pela razão e seguidas por cada indivíduo. Já os medievais acreditavam que Deus instituiu leis que devem ser seguidas, para

188

que o ser humano seja salvo e conquiste o céu.

O homem moderno é diferente. Não se submete a nenhuma autoridade que não tenha sido criada pela razão.

O homem se torna o autor das leis que explicam o mundo e que orientam suas ações. A natureza passa a se submeter à razão humana. Mas como os modernos entendem a natureza do ser humano para que consigam atribuir a ela tanto poder? Resposta: Na modernidade, o ser humano não é o animal racional grego, também não

é a criatura de Deus dos medievais, mas o ser humano é considerado *sujeito*. Vejamos o que significa.

Em nosso dia a dia, aplicamos a palavra “sujeito” sempre a pessoas humanas. Por exemplo, um policial diz: “Ali está um sujeito suspeito”; “O sujeito de camisa branca está andando na contramão”. Do mesmo modo, alguns homens dizem: “Eu sou sujeito homem”. Não dizemos hoje que uma pedra é um sujeito ou que um cachorro seja um sujeito.

190

Sujeito é uma palavra que se usa para falar do ser humano. Se fosse na Idade Média, as coisas seriam diferentes. Para os medievais, a pedra, Deus, os anjos, todos eles eram sujeitos, assim como o ser humano. Sujeito era uma dimensão

<pág. 49>

presente em todos os seres. Mas, para os modernos, sujeito é um termo que se aplica somente ao ser humano. Isso não é assim à toa. Todos nós já ouvimos uma frase famosa do

filósofo Descartes (1596-1650): “Penso, logo existo”. Pode-se dizer que essa frase sintetiza o espírito da modernidade. Através dela conseguimos entender por que o homem moderno pensa o ser humano como sujeito. Descartes, assim como todo pensamento moderno, tinha duvidado de todo conhecimento da tradição filosófica. No seu tempo, a ciência moderna estava nascendo, mas não se sabia muito bem como justificar filosoficamente esta ciência. Por isso, Descartes passa a duvidar de tudo e caminha em

192

direção a um conhecimento que não possa ser duvidado. Desse modo, Descartes queria conquistar um novo fundamento para o pensamento filosófico. Qual seria esse fundamento que não poderia ser posto em dúvida?

Podemos duvidar de tudo. Podemos duvidar de que estamos acordados, pois, quando sonhamos, em meio ao sonho, não sabemos que estamos sonhando. Basta pensar em nossos pesadelos. Se estamos tendo um pesadelo, só ficamos desesperados se achamos que o que está acontecendo no pesadelo é

verdadeiro. No entanto, aquilo tudo é ficção. Podemos, então, estar sonhando quando achamos que estamos acordados. Desse modo, Descartes diz que podemos ficar em dúvida se estamos acordados. Podemos também duvidar dos nossos sentidos: paladar, olfato, tato, audição e visão. Quando vemos uma barra de ferro dentro de um balde de água, achamos que a barra está torta e, na verdade, ela está reta. Podemos supor que nossos sentidos nos enganam sempre. Por outro lado, podemos também

194

pensar que estamos sempre pensando algo que seja ilusório.

Descartes chega a propor a ideia que pode existir um demônio nos enganando 100% do dia, nos fazendo pensar algo que é pura ilusão. Se pensarmos que podemos estar sendo enganados a todo momento, há algo de que não podemos duvidar. Quando estamos iludidos, estamos pensando e quando pensamos, por mais que estejamos enganados, não podemos duvidar de que nós existimos. Daí a frase: "Penso, logo existo". O critério para chegarmos a

essa descoberta é que algo só é verdadeiro se for evidente, ou seja, se a razão humana não puder colocar em dúvida. Tudo que o homem conhece – inclusive Deus – como evidente é verdadeiro. Com esse tipo de entendimento, o homem é sujeito e a realidade que ele conhece é objeto. Por isso, para o homem moderno, o ser humano é essencialmente sujeito: nele está o critério da verdade dos objetos (evidência) e sem ele a realidade não pode ser considerada verdadeira ou falsa.

O que interessa observar é que, quando nos consideramos sujeitos e as coisas objetos, estamos dizendo que nada do que for evidente para a razão humana pode ser considerado verdadeiro. A consequência disso é clara: as ciências modernas são evidentes, logo são verdadeiras. As artes não são evidentes, logo não podem ser levadas a sério, pois não são portadoras de verdade. O que a Igreja diz não é evidente, logo não pode ser comparado às ciências, que são portadoras da verdade. Os governos autoritários monárquicos

não podem ser justificados racionalmente, logo não podem ser considerados verdadeiros. Considerado sujeito, o homem, através da razão, passa a dominar a realidade, que é um conjunto de objetos. Cria as ciências, que ajudam a controlar a estrutura dos objetos, a arrancar deles suas energias e, colocá-las a serviço do ser humano. Cria a técnica, que faz com que os homens possam transformar a natureza segundo sua vontade. Com a técnica e ciência, o homem moderno prevê chuvas, constrói pontes, produz

198

carros, prevê doenças, cria prédios que o protegem de chuvas e alagamentos. É assim que o homem se transforma em centro do universo.

Ser sujeito é sujeitar, ou seja, dominar todos os seres por meio da razão e colocar tudo à disposição do ser humano.

<pág. 50>

Atividade 3

A partir do que foi estudado nesta seção, responda às duas questões abaixo.

Seguem dois textos. O primeiro é do filósofo Immanuel Kant, e o segundo um trecho de uma carta do escritor norte-americano Mark Twain (1835-1910) ao poeta norte-americano Walt Whitman (1819-1892), falando sobre a técnica e a ciência modernas. Ambos deixam transparecer o espírito de autonomia do homem moderno. A partir de sua leitura dos textos, explique por que se pode ver neles a compreensão moderna de ser humano.

1.

a. ***“O Iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado.***

A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem. Tal menoridade é por culpa própria se a causa não reside na falta de decisão e coragem em se servir de si mesmo sem a orientação de outrem. Sapere Aude! Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento! Eis a palavra de ordem do Iluminismo.” Kant.

“Resposta à pergunta: que é Iluminismo?” In: ***A paz perpétua e outros***

***opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1990)**

b. “Sem dúvida tendes visto muito... Demorai porém um pouco, porque o mais grandioso ainda está para vir. Esperai trinta anos, e *então* olhai para a terra com os olhos de ver! Vereis maravilhas sobre maravilhas somadas àquelas a cujo nascimento vindes assistindo; e em volta delas, claramente visto, havereis de ver-lhe o formidável *resultado* – o homem quase atingindo enfim seu total desenvolvimento

202

– e continuando ainda a crescer, visivelmente crescendo, sob vossos olhos...

Esperai até verdes surgir essa grande figura, e surpreendei o brilho remoto do sol sobre o seu lábaro; então, podereis partir satisfeito, ciente de terdes visto aquele para quem foi feita a terra, e com a certeza de que ele há de proclamar que o trigo humano é mais importante que o joio humano, e passará a organizar os valores humanos nessa base” (Carta ao poeta Walt Whitman sobre a técnica e a ciência.

Citado por Mumford. *A condição humana*. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo:

Editora Globo, 1955, p. 345.)

<pág. 51>

2. O pintor romântico Eugène Delacroix (1798-1863) pintou, em 1830, o quadro "A liberdade guiando o povo". Na tela, a liberdade está pintada como uma mulher à frente do povo que luta contra os poderes monárquicos na França. A partir da análise da tela

204

reproduzida a seguir, diga que concepção de ser humano está representada na tela e justifique sua resposta.



Figura 6: A liberdade guiando o povo, de Eugène Delacroix (1830).

<pág. 52>

Seção 4

O homem contemporâneo: ser social e de desejos

Vivemos hoje em um outro momento da história. Já não acreditamos mais no tipo de homem pensado pela modernidade. Por mais que muitas vezes falemos que somos sujeitos, não acreditamos que essa palavra signifique a mesma coisa pensada pelos modernos. Por quê? Não há uma resposta isolada, mas muitas possíveis respostas.

Primeiramente, não há como pensar que somos um ser que possa ser pensado como o centro do universo. Cada vez mais nós percebemos que somos seres dependentes. Não somos sujeitos acima das coisas. Não somos seres desconectados da realidade. Nossa vida está entrelaçada com diversos outros seres. Os filósofos contemporâneos, de diversos modos, mostraram que a nossa natureza ou o nosso ser é formado pelas relações sociais em que vivemos.

Apesar de os filósofos gregos, como Aristóteles

(384-322 a. C.), terem afirmado que o ser humano é um ser social, eles acreditavam que nós temos uma essência igual a dos demais seres humanos: somos animais racionais. Vejamos dois pensadores que nos ajudam a compreender como nós, contemporâneos, compreendemos o ser humano.

O primeiro pensador é Karl Marx (1818-1883). Marx mostrou que o nosso ser é formado pelo lugar social que ocupamos e pelo que nós produzimos nesta mesma sociedade. Se somos

pobres, o nosso ser é diferente do ser dos ricos. Do mesmo modo, se somos negros pobres, somos diferentes dos negros ricos. Quem vive em uma favela do Rio de Janeiro, vê a vida de um modo diferente dos ricos que moram nessa mesma cidade. Basta pensar que aqueles que vivem nas ruas possuem corpos, doenças, desejos, medos, valores diferentes daqueles que são de classe média. Por outro lado, Marx mostra que nós nos construímos por meio daquilo que produzimos em nossa sociedade. Se trabalharmos

como pedreiro 14 horas por dia, nosso ser será diferente daqueles que são jogadores de futebol e treinam três horas por dia. Mas isso não significa que todo pedreiro seja igual. Se o pedreiro viver em um país rico, como a Alemanha, e tiver boas condições econômicas, ele será diferente de um pedreiro que mora no Brasil, que precisa trabalhar de 10 a 12 horas por dia para receber um salário mínimo por mês. Ora, como as sociedades se transformam, mudam os seres humanos que nelas vivem. Por isso, todo ser humano é histórico:

210

as pessoas se renovam com as transformações da sociedade e a sociedade muda quando as pessoas a transformam.

Se, por um lado, somos seres sociais, por outro, não somos totalmente racionais e conscientes. No século XX, Sigmund Freud (1856-1939), considerado o pai da psicanálise, mostrou que o ser humano não é essencialmente racional.

Freud mostrou que o que orienta o homem são desejos inconscientes, os quais buscam sempre o prazer. No entanto, a cultura em que vivemos

**regula os nossos prazeres.
Por exemplo, uma criança
deseja andar nua na rua. Os
pais, entretanto, não
permitem que ela se
comporte desse modo,
porque a cultura**

212

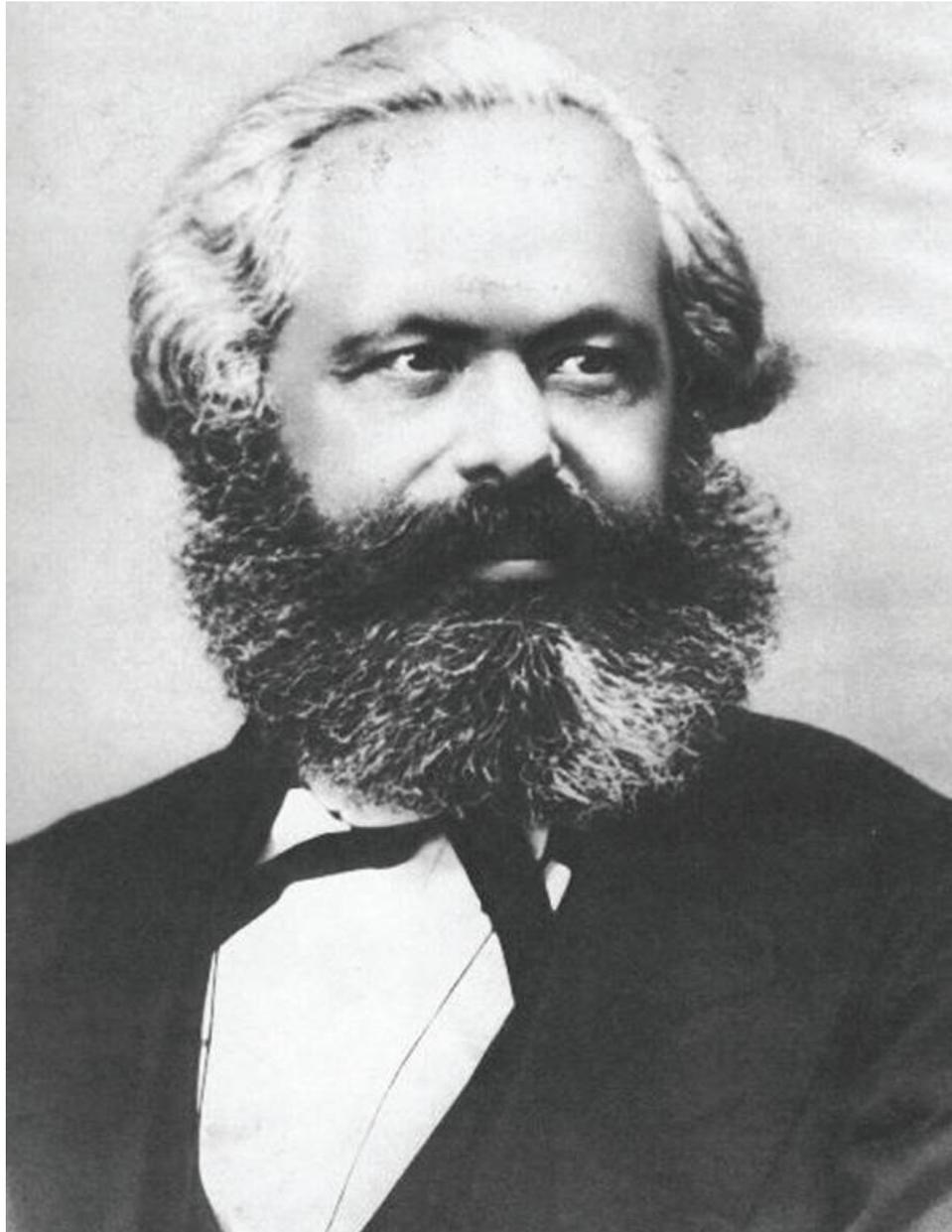


Figura 7: Karl Marx. Foto de 1867.

<pág. 53>

e a sociedade em que eles vivem não permitem que se ande nu nas ruas. Desse modo, as normas sociais e culturais orientam a maneira como conduzimos os nossos desejos inconscientes. A nossa consciência, então, é criada através da relação do nosso inconsciente com a cultura da qual fazemos parte. Mesmo assim, Freud mostra que os nossos desejos inconscientes não vão embora por causa das leis sociais. Independente do modo como pensamos, o nosso inconsciente muitas vezes deseja o contrário do

214

que aquilo que a nossa consciência diz que deve ser desejado. Por mais que a nossa consciência diga que não devemos desejar sexualmente pessoas casadas, muitas vezes, inconscientemente, nós as desejamos. Outro exemplo: sabemos que não podemos comer comidas gordurosas, mas geralmente são os alimentos mais desejados por nós. Isso mostra que todo ser humano vive uma grande cisão (divisão). Por um lado, somos seres orientados pelos desejos inconscientes, que buscam prazer. Por outro lado, nossa consciência é formada

pelo modo como assimilamos as normas da nossa cultura e da nossa sociedade. Grande parte das vezes, a nossa cultura não permite que realizemos os nossos desejos e, por isso, ficamos frustrados.

Orientados pelo inconsciente, não é a razão que nos determina, como pensaram os modernos. Somos seres que desejam e não somente seres que pensam. Nossos pensamentos são orientados pelos nossos desejos e não o contrário.



Figura 8: Sigmund Freud, em 1900.

Esses dois pensadores (Marx e Freud) nos mostram que o pensamento contemporâneo desconstrói a autonomia da razão humana e mostra que os seres humanos são

formados por elementos não racionais mais fundamentais que a própria razão. Nossos desejos e nosso lugar social são mais essenciais do que a nossa razão. Os nossos pensamentos dependem dos nossos afetos (desejos), do lugar que ocupamos em nossa sociedade e da função que nela desempenhamos. Como os nossos desejos são realizados de acordo com a sociedade em que vivemos, nós não

**somos sujeitos acima das
nossas relações sociais, mas
nosso ser depende dos laços
sociais e culturais onde
vivemos.**

**Isso mostra que não
nascemos prontos, não
temos uma essência
imutável. Quem nós somos
depende da sociedade em
que vivemos, da função que
nela desempenhamos e dos
desejos que nos orientam.
Nada há de pronto em nós.**

**Somos produzidos
historicamente.**

Atividade 4

A partir do que foi estudado nesta seção, responda às duas questões abaixo.

1. A seguir reproduzimos em parte o poema “Operário em construção”, de Vinicius de Moraes. Ele fala sobre um operário que, aos poucos, descobre que é por causa do seu trabalho que as principais construções da cidade foram criadas, ao mesmo tempo em que descobre que seu trabalho é explorado pelo “patrão”. Eles são diferentes por causa da classe social que

220

ocupam. Após a leitura do trecho abaixo reproduzido do poema, mostre, segundo o que estudamos de Marx, que compreensão de ser humano orienta o texto de Vinicius de Moraes.

“ (...)

**Ah, homens de
pensamento**

**Não sabereis nunca o
quanto**

Aquele humilde operário

Soube naquele momento

Naquela casa vazia

Que ele mesmo levantara

Um mundo novo nascia

**De que sequer
suspeitava.**

O operário emocionado

Olhou sua própria mão

Sua rude mão de operário

**De operário em
construção**

E olhando bem para ela

**Teve um segundo a
impressão**

**De que não havia no
mundo**

**Coisa que fosse mais
bela.**

**Foi dentro dessa
compreensão**

222

**Desse instante solitário
Que tal sua construção**

<pág. 55>

**Cresceu também o
operário**

**Cresceu em alto e
profundo**

**Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão
Pois além do que sabia
- Exercer a profissão -
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:**

A dimensão da poesia.

(...)”

(Texto completo disponível em www.astormentas.com/viničius.htm).

2. Por que o homem contemporâneo não se considera um sujeito autônomo? Como a psicanálise e o pensamento de Marx ajudaram a desconstruir a imagem moderna de ser humano?

Conclusão

Pelo que vimos, nós, seres humanos, nunca conseguimos compreender de modo absoluto quem somos. Em cada momento da história do Ocidente e da história da Filosofia, os homens se compreenderam de uma determinada maneira. Animal racional, criatura de Deus, ser que deve ter fé, sujeito racional autônomo, ser social, ser que possui desejos inconscientes – eis algumas definições de ser humano criadas pela história da Filosofia. Pode-se ver, então, que o ser humano é profundamente misterioso.

Podemos ainda acrescentar outros elementos que pertencem ao ser humano e que foram destacados ao longo da história: ser que possui emoções, ser religioso, ser lúdico, ser artístico,

<pág. 56>

ser cultural etc. Por mais que o homem possa ter diversas definições, nenhuma delas esgota a sua riqueza. Podemos dizer que o homem é um eterno enigma para si mesmo. Nunca ele se sentirá

satisfeito com os conceitos e definições que ele cria para entender a si mesmo. Talvez sua maior definição seja: o homem é um ser indefinível.

Referências

Livros

. A Bíblia Sagrada. São Paulo: SBB, 2003.

. ANSELMO, Santo. Proslógio. In: Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

. CALLOIS, Roger. O homem e o sagrado. Lisboa: Edições 70, 1988.

. FREUD, Sigmund. Freud. In: Coleção Os Pensadores.

**São Paulo: Abril Cultural,
1979.**

**. GILSON, Etienne. O
espírito da filosofia
medieval. Trad. Eduardo
Brandão. São Paulo: Martins
Fontes, 2006.**

**. HRYNIEWICZ, Severo. Para
filosofar: introdução e
história da filosofia. Rio de
Janeiro: Edição do Autor,
1998.**

**. MARX, Karl; ENGELS,
Friedrich. Manifesto do
Partido Comunista. Rio de
Janeiro: Contraponto; São
Paulo:**

**Fundação Perseu Abramo,
1998.**

Síntese geral

A presente lição teve como objetivo expor quatro modos de compreensão do ser humano desenvolvidos ao longo da história da Filosofia. Eis os principais tópicos do nosso estudo:

. Partimos do modo como os gregos, sobretudo Platão, compreenderam o ser humano. Esse modo é baseado na relação entre corpo e alma, gerando a ideia de que o homem é um animal racional.

. Depois, vimos que o cristianismo medieval pensou o ser humano como imagem e semelhança de

Deus, adaptando a filosofia grega para explicar o ser humano e sua relação com Deus.

. Constatamos que, na modernidade, o homem ocidental entendeu a si mesmo como sujeito dotado de autonomia, o que gerou a ideia de que tudo o mais é objeto e que o ser humano chegaria à plenitude de seu ser, caso desenvolvesse sua atividade racional, sobretudo na ciência e na técnica.

230

<pág. 57>

. Por fim, vimos como a filosofia contemporânea, através de Marx e Freud, desconstruíram o modo como a modernidade compreendeu o ser humano, mostrando que nós não somos autônomos de modo absoluto, mas somos dependentes de diversas forças que não são conscientes e racionais.

<pág. 58>

Atividade 1

a. A Fábula de Higino apresenta o ser humano

como produto da ação dos deuses Júpiter e Saturno, além de ser produto da ação do cuidado e do barro utilizado para produzi-lo. Nessa compreensão, o ser humano é pensado como uma unidade de alma, considerada produto do deus Júpiter, e de corpo, produzido pelo barro. Por um lado, o ser humano é mortal, frágil e temporal, por ser ele feito de barro. Por outro, ele é divino, forte, imortal, por ser composto de alma. Enquanto vive, o ser humano tem de ser amparado pelo cuidado,

232

pois, se não for assim amparado, ele falece. É o cuidado que nos orienta enquanto estamos vivendo no tempo. Isso é um mito por não ser uma narrativa racional e conceitual sobre o ser humano, mas somente uma história que narra sua origem através de elementos religiosos e lendários.

b. Platão compreende o ser humano como a junção de corpo e alma. O corpo é responsável pelo conhecimento das coisas transitórias e mortais, e a alma é responsável por conhecer as essências eternas das coisas. Não se

trata de um discurso mitológico por ser justificado pela razão e por gerar conceitos também racionais.

Atividade 2

1. A música de Regis Danese deixa transparecer a concepção medieval-cristã de ser humano pelo fato de ela afirmar que Deus é o bem maior e, desse modo, dizer que somente através de uma relação com Deus o homem encontra o sentido de sua vida. Ao mesmo tempo, Deus aparece em sua música como fonte de

salvação humana, assim como era pensado pelos medievais. Como vimos, entre os medievais, o ser humano era concebido em referência a Deus. Ele era concebido como imagem e semelhança de Deus. Por isso, somente em relação a Deus o homem alcança a plenitude de sua condição, como mostra a música de Danese.

2. O êxtase de Santa Teresa mostra que ela foi arrebatada de si e entregue a Deus. O recado do anjo mostra que isso não é sua morte, mas o preenchimento do seu vazio. Sair de si e ser entregue a

Deus não aniquila o ser humano, mas o torna pleno. Justamente isso é sinal de que somos imagens e semelhança de Deus, como pensou a Idade Média.

Deus não é um perigo, mas o lugar onde o ser humano encontra o sentido realizador de sua vida.

<pág. 59>

Atividade 3

1. O homem moderno é aquele que se compreende como autônomo e senhor da realidade.

Ele é o centro do mundo e toda realidade passa a girar em torno dele. Para ele, seu poder está na razão. Por isso, somente através da atividade da razão, o ser humano alcança o domínio das coisas. Isso está expresso nos dois textos reproduzidos de Kant e Twain. Kant afirma que o Iluminismo é a libertação do homem de qualquer poder alheio à sua razão. E Twain afirma que o homem está se desenvolvendo porque a técnica e ciência, produtos de sua razão, também estão aos poucos se desenvolvendo. Isso, para ele, é admirável. Quanto

mais desenvolvimento técnico-científico, mais o mundo se humanizaria e tudo seria melhor.

2. A tela de Delacroix mostra a liberdade orientando as ações revolucionárias do povo francês. Essa luta almejava a emancipação popular, a quebra do poder monárquico e religioso. Justamente essa luta concretizava o ideal moderno de ser humano como sujeito autônomo, que não se submete a nada nem a ninguém.

Atividade 4

1. Vinicius de Moraes mostra em seu poema que um operário constrói, como se fosse um poeta construindo seus versos poéticos, uma casa vazia, sem saber o que estava nascendo de suas mãos. Isso porque o operário está construindo para alguém que lhe paga pelo serviço e explora o seu trabalho. Vendendo seu trabalho para o futuro dono da casa, o operário é um homem marcado pela sua submissão a alguém que possui mais poder econômico que ele. Esse poema mostra claramente a visão marxista

de ser humano, pois, como vimos, Marx concebe o ser humano como aquele que é resultado do lugar que ocupa na sua sociedade (classe social) e pela função que nessa sociedade desempenha. Assim, a natureza do operário não é a mesma do patrão.

2. A psicanálise e o marxismo não consideram o ser humano um sujeito autônomo, como pensaram diversos filósofos modernos. Freud mostrou que o ser humano é dominado por forças inconscientes cuja consciência não domina e seu inconsciente é

240

fundamental na determinação da natureza humana. Já Marx mostrou que o ser humano é resultado da função que desempenha em sua sociedade e da classe social em que está inserido.

Ele sempre depende de sua sociedade e da organização econômica que a estrutura.

O ser humano, nesses dois sentidos, não possui uma essência imutável, que seja igual para todos. Isso desconstrói a ideia moderna de que o ser humano seria autônomo por usar sua racionalidade de modo

independente. Tanto Freud quanto Marx mostram que o ser humano é essencialmente dependente.

<pág. 61>

O que perguntam por aí?

(Questões aplicadas no ensino médio do Colégio Metodista Bennett, em 2010.)

1. O filósofo Karl Marx afirmou que “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (MARX, Karl.

242

***Teses sobre Feuerbach*. São Paulo: Hucitec, 1991). Essa “mudança do mundo” significava, para ele, a transformação das condições sociais e econômicas dos seres humanos.**

Qual é a concepção de ser humano que determina essa frase de Marx?

a. O homem é um animal político;

b. O homem é um ser social;

c. O homem é criatura divina;

d. O ser humano é absolutamente livre;

e. O homem é um ser de desejos.

2. O filósofo René Descartes (1596-1650) afirmou, na sua obra *Discurso do método*, que o homem deve ser mestre e dominador da natureza. Por que esse pensamento retrata o ideal de ser humano da modernidade?

a. Porque na modernidade o homem se considera um objeto especial;

b. Porque na modernidade o ser humano não respeita a ecologia;

c. Porque na modernidade o ser humano nada mais é que um sujeito que domina a realidade através do conhecimento

d. Porque o homem moderno é irracional e age como destruidor do mundo;

<pág. 62>

e. Por causa das empresas capitalistas que necessitam destruir a natureza para aumentar sua produção;

f. Porque a modernidade pensa o ser humano como indivíduo isolado.

3. No início da sua obra *Confissões*, Santo Agostinho escreveu: “O homem, fragmentozinho da criação, deseja louvar-Vos; o homem que publica sua mortalidade, arrastando o testemunho de seu pecado e a prova de que Vós resistis aos soberbos. Todavia, esse homem, particulazinha da criação, deseja louvar-Vos. Vós o incitais a que se deleite nos Vossos louvores, porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em Vós”
**(Agostinho, *Confissões*.
Petrópolis/Bragança**

Paulista: Vozes/São Francisco, I, cap. I). Trata-se de um pensamento que conecta Deus e homem. Esse pensamento tornar-se-á característico de toda Idade Média. Qual o termo que melhor define esta característica do pensamento medieval-cristão?

- a. Teocentrismo;**
- b. Antropocentrismo;**
- c. Heliocentrismo;**
- d. Medievalismo;**
- e. Cosmocentrismo.**

Gabarito:

1. b; 2-c; 3- a.

Veja ainda

Como essa lição mostrou o mistério humano e as dificuldades de compreender quem somos, um excelente filme que ilustra nossas ambiguidades é *Crash – no limite*, de 2005. Veja o filme e perceba como o ser humano, em última instância, é um enigma.

Do mesmo modo, o livro *O estrangeiro*, do filósofo, ensaísta e literato Albert Camus, é outra grande obra

248

**que mostra o enigma da
condição humana. Dê uma
olhada!**

<pág. 63>

Caia na rede!

**Em 1920, na Índia, foram
encontradas Amala e
Kamala, duas meninas
criadas na selva. Elas se
comportavam como lobas.
Amala morreu um ano e
meio depois de ser
encontrada, mas Kamala
viveu até 1929. Um pastor
protestante chamado Singh
as levou para um orfanato
para serem ressocializadas.
Veja, no YouTube, o vídeo**

que resume a história dessas duas crianças e que mostra, portanto, como nós, seres humanos, somos misteriosos.

Link:

<http://www.youtube.com/watch?v=MwFVjdh5pjQ>